LEONOR

POEMA BRAZILEIRO EM OITO CANTOS

POR

J. A. D'ALMEIDA CUNHA

ESTUDANTE DO SEGUNDO ANNO DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE,

SOCIO DA SOCIEDADE BRAZILEIRA — ENSAIOS LITTERARIOS —

DO RIO DE JANEIRO



RECIFE

Á venda na livraria de Garraux, de Lailhacar & C.ª,
Rua do Crespo n.º 9
San' Paulo,
Largo da Sé n.º 1

1866

TYP. DO COMMERCIO DO PORTO, FERRARIA N.os 102 a 112

Á

SOCIEDADE BRAZILEIRA

ENSAIOS LITTERARIOS

O.

O auctor.

On n'accable jamais une femme qui tombe !
Qui sait sous quel fardeau sa pauvre âme succombe ? !

V. HUGO.

CANTO I

O CARNAVAL

O CARNAVAL

I

Como cheias de meiguice
— cheias de tantos amores —
são flores
da mocidade!
mas... comos após, 'na velhice
derramam tanta saudade!
— 'numa — o brotar de esperanças,
'noutra — os sonhos abysmados;
'numa — o sorrir de creanças,
'noutra — sorrisos quebrados!
'nesta — o lago transparente,
'naquella — o fundo escarceo;
uma — que passa descrente,
outra — que sonha 'no céo! —

Mas quantas vezes não vêmos
terrivel contradicção!
os moços dizendo: — crêmos, —
e os velhos: — não crêmos, não! —
fatalidade em que ao homem
a triste philosophia
o crêr e o descrêr consomem!
vive 'na luz... e não vê!
luta em contínua agonia,
mira a natura... e descrê!

Oh! mas venha tudo... venha!
que, apesar de immensas dôres,
não ha idade, que tenha
    tantos amores,
tantos risos, tantas flores,
como a dulcissima idade
da risonha mocidade!

II

Era 'no carnaval. Festivo e alegre o povo
por entre gritarias,
chocalhos, guisos,
risos
e folias,
— um som descommunal —
passeiava 'nas ruas, que de novo
alli viam correr acervos de ouro
tirados do thesouro
dos ricos... e dos ricos de agonias.
Era 'no carnaval.

Loucura é carnaval: que o diga a pobre gente,
que, cheia de prazer, com elle se abraçou!

Loucura é carnaval: e o carnaval não mente
dizendo que tem feito o que ninguem pensou!

Loucura, loucura, sim!
Dizem-'no vestes avoengas,
o lustroso borzeguim;
as estupidas chalaças,
as derrengadas arengas,
'no meio das populaças;
as gritarias, as graças,
e de guisos mil 'nas praças
o retinente tim tim!
loucura, loucura, sim!

Mas... quem ha, que sentindo 'no peito
coração, que palpita de amor
ao fogo sancto
da mocidade,
'na bella idade
em que de encanto
se vive ainda,
e se ama a linda
fórma de uma mulher de bello aspeito,
ai! quem ha, que não sinta sua alma
toda cheia de intenso calor?
ai! quem ha—deslumbrado, sem calma—
que não caia 'nos braços do amor?

Ninguem!

O homem não se contem!
e o coração juvenil

—cheio de loucos desejos—
vae-se em trémulos adejos
sereno
beber um veneno
subtil!

O triste em luz se embriaga,
aos gosos se arremessou...
mas depois, horrenda chaga,
que 'no seu peito lavrou,
foi tão sómente o que vio!
—mariposa arrebatada
da larva aos ares levada
vira a luz, e deslumbrada
as azas abrio... abrio...
e quando, quando queimada
a ponta d'aza sentio...
cahio!—

Após isso vem-lhe a morte
'na fronte um beijo poisar...
que sorte! que triste sorte!
que funesto doidejar!
É o epilogo funereo
de quem louco assim viveo,
uma cruz—'num cemiterio,
uma esperança—'no céo!

III

O theatro embandeirado,
ricamente illuminado,
tem uma enchente real.

Que orgia! que saturnal!
que ruido! que ruido
que nos vem ferir o ouvido
de uma maneira infernal!
mil vestidos farfalhando,
mil vozes rumorejando,
e a multidão oscillando...
é um cometa caudal!
correndo, rindo, pulando,
tudo é festa, é carnaval!

e esse povo mascarado
requebrado
'nas danças libidinosas,
instiga as almas mimosas
a cahir 'no tremedal.

Mas... que faz aquelle vulto
recostado
quasi occulto!
vêde-lhe o cólo engraçado,
o pésinho como é lindo,
como é bonito, sahindo
de um modo tão deleixado!
vêde o olhar tão vago e incerto!
vêde-lhe o porte, a figura!
que bello! que formosura!
sim! 'num corpo tão mimoso
só póde o rosto formoso
como o de um anjo existir...
que importa esteja encoberto?
podemo'-lo pre-sentir.

Um saiote de velludo
do mais puro azul do céo,
de estrellas de ouro adornado,
'nas fimbrias todo bordado,
cingida a cincta mimosa
de uma fita côr de rosa,
mas inferior em tudo
ás côres do labio seu;
os pés de infante calçados
de borzeguins encarnados;

coberta a perna bem feita
de meia de seda branca,
perna de Venus, que arranca
do fundo do coração
um grito de admiração;
gorra de moura engraçada
de per'las entrelaçada
que lhe fica de matar;
'nas mãos—luva, que se ageita
de maneira de encantar;
'no rosto—mascara escura
até ao meio sómente;
o labio trémulo; ardente
o meio-escondido olhar;
por sobre os hombros nevados
—tão negros e assetinados—
annelados
os cabellos espalhados;
o cólo esbelto e garboso,
o respirar divinal:
eis a pallida pinctura
d'esse mascara formoso
'no meio da saturnal.

Quem é? Ninguem sabe?! Se é feio, se bello
'naquelles trajares se esconde tão bem!
Não poderá conhecel-o
talvez ninguem!

Não! é mulher e formosa!
vê que cinctura mimosa!
é mulher... é mulher... sim!

dil-o o cabello annelado,
mais o labio nacarado,
e o pésinho deleixado
calçado
'no borzeguim!
é mulher, é mulher, sim!

É talvez uma madona
de face orbicular,
de olhos cheios de amor!—mulher, que se abandona
em noutes de luar
ás mãos do amante
delirante,
que, sofrego, devora
a luz inspiradora,
que em seus olhos devisa a scintillar!

Ha muito que é recostada
e—a mil pedidos esquiva—
está pensativa
sem para ninguem fallar;
'na mão a face nevada
apoiada,
'no carnaval... sem dançar!
« Sósinha—dissereis logo—
aquella
estrella
sem fogo
parece mulher perdida
vagando á tôa 'na vida! »

IV

—Bello masc'ra, não danças?—
—Eu?... não!—

—Não te agrado?—
—Não quero dançar.—

—Uma flor tão bonita esquecida
'na escuridão
sem aos raios do sol se mostrar!
Não dançar!... Soffres talvez,
desprezas talvez a vida,
e a vida—presa a teus pés—
mostra-te abysmo profundo!
receias talvez o mundo

que tudo cospe e maldiz!
Oh! bem sei que és infeliz! —

— Quem t'o disse? —
— De teus olhos
um triste e magoado olhar. —

— E quem mais? —
— O teu scismar.
Tens 'na vida achado escolhos
não m'o podes occultar.
Vês? eu sei adivinhar!
E inda que seja mentira
tudo o que digo — que importa?
talvez que soffras bem pouco
por uma esperança morta!
Teus olhos faiscam ira...
se és bella — não sejas má...
Bom!... quem fallou era um louco,
um cavalleiro aqui está.
Senhora, a quem não conheço,
se um favor eu lhe mereço
venho-lh'o aqui supplicar...
perdoe-me vossa excellencia...
desculpe-me a impertinencia...
convido-a para meu par.
Os instrumentos se affinam,
estes ares retintinam
que fazem-me endoudecer...
e a sua alegria é esta!!...
vamos! voemos á festa,
aos delirios, ao prazer! —

Quem fallava
era o primeiro
do baile do carnaval;
trajava
de cavalleiro
antigo de Portugal;
viam-'no alli prasenteiro
tendo em labios de coral
um sorriso de ventura...
quem soubera a nuve'escura
que tinha 'no coração?
—O sorriso encobre as dôres,
a calma esconde a paixão;
á serpe abrigam mil flores,
a cinza occulta o vulcão.—

E, contemplando-a de novo,
mirando-a attento comsigo,
via 'naquelle renovo
do bello tronco Helenez
um anjo... mulher talvez!...

—Vamos dançar, vem commigo!—
de novo ardente lhe diz,
—quero volteiar comtigo!
'na walsa a paixão se esquece,
a fronte não se arrefece,
antes de fogo se aquece!
a mente ourada parece
vir formar, quando se dança,
a figura da esperança
'na presença do infeliz.—

Indifferente,
'na posição indolente
em que jazia,
contemplando o cavalleiro,
dirieis uma estatua muda e fria
a dama do pésinho deleixado—
se não lhe abrisse a bocca doce voz:

—Tu disseste primeiro
que eu soffria...
tinhas a pretenção de lêr o meu auguro...
extranhaste encontrar-me aqui scismando a sós...
não leste o meu passado, erraste o meu futuro,
e o presente tambem... que alguem nos ouve a nós;
gabaste a walsa após, e querias um par...
e sou eu a escolhida, eu que estava a scismar!...

Sim... tens rasão, cavalleiro,
vamos rir e doidejar!...
Eu... tenho um riso faceiro
sei viver... e sei dançar!

Ah! se tu meus olhos visses,
talvez que de mim fugisses
vendo como sou gentil!...
E, olha—não ha 'no que digo
a vaidade femenil.

Mas... queres dançar commigo?
pois seja!—eu gósto da dança,
as walsas fazem-me bem...
tenho cousas de creança!

Vamos!... Porém...
é preciso
que antes eu falle a alguem...
é a meu irmão, que eis além...—

E teve um frouxo de riso.

Affastou-se e dirigio-se
a um bojudo mascarado
vestido de Sancho-Pansa,
e sorrio-se...
'nessa bocca pequenina
a incertesa da esperança
lança
uma luz peregrina.

—Senhor, eu quero dançar.—

—Estava para chamar-te;
quando vaes a qualquer parte
sempre achas com quem fallar!
Estou aqui 'numa braza!...
e minha mulher em casa!
e onze horas que vão dar!
triste cousa é ser 'no mundo
senador, marido e pae!
Quem é esse home', esse baixo profundo?
quem é?—
—Não conheço.—
—Isto é serio?—
—Sim!—
—... Vae!—

Dirigiu-se ao cavalleiro
e deo-lhe a mão enluvada;
e elle a cinctura delgada
febril co'a dextra abarcou;
o sangue correo ligeiro,
o coração palpitou.

A walsa começou

Lá foram correndo
        saltando,
        pulando,
        levando
talvez dôr atroz;
mas, tudo esquecendo,
depressa passavam,
        voltavam,
        sorriam,
        fugiam
        após,
e o par engraçado
        cançado
        sem voz,
se além se escondia,
de novo surgia
        sylphando,
        passando,
        brincando,
        voando
        veloz!

V

Tinha cessado a walsa escandecente,
um e outro cançados arquejavam;
os olhares, que mutuos desprendiam
deslumbravam...
ambos tremiam...
em cada peito o coração fervente
estava a rebater;
e *elle* apertou suave, ternamente
a mão d'ella calçada 'na luvinha...
seria amor, que vinha,
ou seria o prazer?

A dança é como o vinho,
—suffoca a intensa dôr;

desvia do caminho
o espinho
do amargor:
o vinho envolve encantos,
inspira os dithyrambos;
a dança inspira o amor:
o vinho tira os prantos;
e aos peitos quebrantados
de trevas povoados
a dança dá vigor:
têm doce nectar ambos
para estancar a dôr!

E quantas almas penadas
vagueiam, á meia noute,
soffrendo talvez de mais!?
ai! miserrimas, coitadas!
são como as flores creadas
'nos tremedaes,
tremendo ao rigido açoute
dos vendavaes!

Suspensa, tirando a mão
dentre as mãos do cavalleiro,
ella diz:
—Vê se me amas!
entregas-te ao captiveiro...
tens franzino o coração!
quem sabe se é já paixão?—

—Amar-te? não, não 'no creias!
do amor não temo as cadeias

que 'nellas já me prendi!
fui—cego!—arrojar-me ás chammas...
e, ai! não sei porque vivi
depois que tanto soffri!
Amor é inferno! e eu te juro
que por elle o meu futuro,
vida, céos... tudo perdi!
Julgas que por ti me inflammo?
não creias!—eu não te amo...
gosto de ti...
mas sentir uma paixão...?
tenho frio o coração!—

Cada um scismando comsigo
nenhuma palavra diz.

....

—Quem és?—
—Não sei, nem t'o digo.—

—Seja assim! Como te chamas?—

—Eu? Theresa, e tu?—
—Luiz.—

VI

Novas danças se dançavam...
eil-os dançando outra vez!
e suspiravam,
sorriam,
e volitavam,
corriam,
que todos, todos julgavam
que tinham azas 'nos pés!

....
....

« Viva o prazer! a alegria! »
« Folia! »
« Viva! viva o carnaval! »

Eis a horrenda gritaria
do povo, que tripudia
'no meio da bacchanal!

....

« Ámanhã » duas vozes disseram,
duas vozes trementes de amor;
e, de um beijo amoroso trouxeram
frescas auras sumido rumor.

Muito depois veio rindo
a alma aurora os céos tingindo
co'a doce luz matinal;
mas inda ao longe se ouvia
alguma voz, que dizia
somnolenta e festival:

« Viva o prazer! a alegria! »
« Folia! »
« Viva! viva o carnaval! »

CANTO II

ANJO SEM AZAS

ANJO SEM AZAS

I

É meia noute. Vagarosa a lua
'nos céos fluctua com serena luz.
Ah! que saudade que de si derrama!
que doce flamma que de amor seduz!

Ah! como é bella na carreira infinda!
ah! como é linda a terna flor do céo!
parece um anjo de prazer chorando,
noiva córando ao descahir do véo!

Noutes de lua! como sois formosas
por entre as rosas do jardim terreal!
Lua fulgente de gentís desmaios
amo esses raios que lançaes 'no val!

Quando vos vejo a allumiar cidades,
ai! que saudades me não vêm tocar!
Sabeis meu peito que lembrança encerra?
é minha terra, meu amor, meu lar!

....
....

A volitante, namorada brisa
'na flor deslisa a murmurar—amor—;
e, se inclinando, sem haver ciume,
dá-lhe o perfume a langorosa flor.

As aves dormem 'no arvoredo annoso...
tudo formoso se nos vem mostrar...
mesmo o repucho do jardim desata
nuvem de prata que se vê brilhar!

Tudo embriaga, tudo a amor convida!
—a flor pendida 'no gentil jardim,
a brisa e a lua que sósinha vela...
oh! como é bella a meia noute assim!

II

Pelos canteiros de rosas
um vulto branco passou,
suas fórmas vaporosas
a lua a brilhar mostrou.
Alto e esbelto como um lirio
tem do lirio a eburnea côr;
é tão formoso!—o martyrio
'no rosto empallidecido
desparzido,
prende, arrebata de amor!

É *ella!*—Vem tão bonita
que o peito mais duro incita
a amar e cahir-lhe aos pés.

Que visão! que aérea fada!
que alva roupa refolhada!
que engraçada
pallidez!

Lançando os olhos em roda
parou...
suspira... e suspira toda
a brisa por entre as flores...
é a Venus da antiguidade
que entre nós resuscitou!
—não a Venus bella, núa,
em que antiga mocidade
via Cupidos 'nos olhos;—
era a Venus da Cidade,
'num jardim, á luz da lua,
linda e coberta de folhos;
Venus de encanto um thesouro,
Venus que tem coração;
Venus de arrecadas de ouro,
Venus de saia... e balão!

Escuta... é silencio tudo...
parece esperar
em vão,
o olhar
cheio de calores
embriaga
de seducção.
Que idêa 'nalma lhe vaga?
que anhella? Se o anhello é mudo!

Treme-lhe o ninho d'amores,
treme dentro o coração.

Foi assentar-se 'num banco
do jardim...
scismava... e o vestido branco
reflectia vaporoso
quaes vestes de um cherubim.

Depois... levemente a face
'na mão de neve tombou;
e 'no rosto seu formoso
o somno vindo fugace
de tumidez a banhou...
—a morte que meigamente
as desventuras suavisa!—
'Nas agoas do tanque a lua,
que 'nos céos de anil deslisa,
reflecte a puresa sua...
Theresa se recostára,
as palpebras descerrára,
languidamente
sorrio...
e um suspiro, que exhalára,
suavemente
se ouvio.

Dormio.

....
....

III

Então, ignoto vulto,
quando a lua
'numa nuve'se escondeo,
'na sombra occulto,
appareceo.

E vendo-a semi-núa,
os labios entre-abrindo,
talvez de amor sonhando...
a cruz de diamantes
a reluzir dormindo
no leito de offegantes
pomos de perdição...
as tranças oscillando,

pendida a eburnea mão...
do vulto se escutava
precipite batendo
'no peito o coração!

Qualquer... um moço vendo
este painel tão ruim,
diria certo:
« Quero!
a morte ou vida espero,
demonio ou seraphim! »

Que alma não fôra escrava
de uma senhora assim?

Que lubricos desejos
que a mocidade tem!
que magicos anhellos!
que susto por dar beijos
'na face, 'nos cabellos
da moça adormecida,
que — de soffrer — a vida
inteira encher-'nos vem!

Oh! se eu não visse 'no mundo
tanto anjo de salvação,
— perfume puro da veiga, —
que o infortunio nos ameiga
a nós — filho, amante, e irmão;
votaria
odio profundo
á mulher — a perdição! —

Mas... não são ellas culpadas!
os culpados somos nós,
que vemos faces banhadas
com alegria feroz!
nós, que pervertemos anjos,
nós, que lhes fomos o algoz!
Flores da vida, oh! archanjos,
os culpados somos nós!

Pervertimento das leis
que Deos aos homens envia!
naturesa! o que direis
de tão cruel barbaria?!
—Truncamos as leis do mundo,
sagramos odio profundo
á luz, á crença, á poesia!...

....
....

Extatico chegando
o vulto a contemplou;
depois foi-se inclinando;
tremendo
comprimindo
'nas mãos o peito arfando...
Theresa então sorrindo
sonhava
suspirou...
o vulto se achegava
e a bocca aproximava
da bocca purpurina,
como um botão de rosa

graciosa
pequenina,
quasi semi-cerrada...
vae dar-lhe ardente beijo...
mas... vêde-o... recuou!

—Oh! não!—disse, o que almejo
é pallido desejo
é flor morta, fanada!—

E após:
—Como é formosa!
estrella de minha alma,
ai! surge, falla, falla!
procuro a deslembrança...
onde é que hei-de encontral-a?
Não tenho mais a esp'rança,
nem luz, nem fé, nem calma...
tu—pallida creança—
dar-me-has virente palma?!—

....
....

IV

Theresa despertára.

—Luiz!—
—Theresa!—
—É tarde!—

—Deo meia noute ha pouco.—

—Vim para te esperar,
Sentei-me a descançar,
e adormeci... —

—Perdão,
se te fiz esperar.—

—Sonhei... que sonho! Vi
alguem, que me mostrava
no céo a f'licidade...
sim... eras tu!—Senti
depois a mocidade,
que as faces me beijava...
'no seio o coração
pulsava
de prazer...
depois... depois... chorava,
e era de dôr!... Chorei,
porquê... já não o sei!—

—Olha, eu tambem sonhei.
'No sonho tu vieste,
risos a desprender,
pronunciar meu nome
com tua voz celeste...
depois... oh! foi um sonho
risonho
seductor!
Olha, inda a fronte arde...
pareço agora um louco!
um fogo me consome
ardente, abrazador!—

—Deos! que não seja amor!—

—Eu não sei mesmo! Quando
dormindo, palpitando
suspiravas,
e estavas

a sonhar...
um beijo te quiz dar!—

—E...—
—Recuei afflicto;
não te manchei... oh! não!
que tu me havias dito
que tinhas um irmão!—

Ambos ficaram calados;
ambos pensavam...
que bello quadro ao luar!
'no fundo as flores, que se balouçavam,
e 'na frente dous vultos destacados
a scismar!

—Dize, Theresa, esqueceste
a dança vertiginosa,
e o beijo que 'na mimosa
tua mão
eu te dei quando de ti
me despedi?
Pois, sabe, eu não me esqueci!
Inda sinto 'nos ouvidos
a suavissima impressão
de tua voz engraçada,
sobresaltada,
dizendo—*ámanhã*!... Tremias,
soffrias,
porquê... bem sei!
Innocente,
inexperiente,

tu 'nesse instante
calcavas
teu voto de castidade:
e lembravas
que dizendo
ámanhã como disseste,
incessante,
o anjo da virgindade
co'as azas brancas batendo,
voando,
revoando,
ia sempre murmurando
com tristesa:
« Ai! pobre, pobre Theresa!
ai! triste! o abutre esfaimado
aos teus ouvidos fallou!
teu seio virge' é fanado,
tua corôa murchou! » —

Theresa de pejo córou.

Uma nuvem pardacenta
a face á lua occultou...
uma coruja voou
lugubremente piou...

Que horror não se apresenta
'no rosto de Theresa!
de medo estremeceo,
gemeo!
e, pávida, se erguendo,

reclina-se tremendo
'nos hombros de Luiz.

—Que soffres, infeliz?
tens medo?—Um'alma pura
ás mãos de Deos accesa
que póde receiar?
Vê: como já fulgura
            mais pura
          a lua além!
que esplendido luar!
a brisa, que cicia,
      oh! que ambrosia
            tem!
Já tive dias ledos...
Mas... falla! tremes inda!
            Vem;
conta-me os teus segredos
oh! candida cecem!—

Alçando a fronte linda
cheia de pallidez,
Theresa confundida
            lhe diz:

            —Luiz...
            não vês?

—O quê?—
            —Que a minha vida
é de mysterios cheia?
Olha... o meu peito anceia...
amo-te muito... sim!

Tão grande é este sentir
que para o conheceres
não têm voz as mulheres
que o possam exprimir!
Eu me perdi! Vieste
tirar-me a calma! Leste
'no encanto da sereia
saudosa,
adormecida,
'na vida
o soffrimento,
do mundo — o esquecimento,
'no peito — a dôr emfim!
Ha muito soffro e sinto!
por mim
vivo innocente...
não fui quem te buscou!
Não... não!...
perdão!
eu minto!
fui criminosa
e sou! —

V

Ah! soffria tanto, tanto
aquella moça formosa,
que não póde um pobre canto
dôr tão grande descrever!
—a vergonha, o susto, o pranto
'nella podiam-se vêr!

Era talvez um delirio
de cabeça perturbada...
mas tinha a côr do martyrio
pelas feições desenhada.

Pavorosa,
receiada,

que amargura, que soffrer!
—um lirio
que o norte
forte
veio raivoso bater!—

Luiz em silencio ouvia
aquella extranha agonia
sem respirar, sem tremer!
e cada um d'elles soffria
bem diverso padecer;
aquella por—criminosa—
como acabára
de dizer,
este pelo coração
onde talvez a paixão
principiára
a nascer.

—Dize-me pois quem és, se a tua vida
é de mysterios toda rodeada!
Tão formosa...
culpada...
mas... porquê?—

Co'a fronte meio-erguida,
voz anciada,
sobresaltada
diz-lhe Theresa:
—Crê.
É triste, triste o que te vou dizer
por mim sómente;

sei que me amas... mas não posso vêr
padecer
por mim, que nada valho, tu, Luiz,
que me chamaste infeliz,
que me chamaste innocente
hoje!
Ai!
vae
longe espalhar
tuas flores!
vae a outra entregar
teus amores!
Foge, foge! —

—Mas quem és tu?—
—Quem sou? Ai! —
Soluçava!

—Quem és dize! —
—É melhor tirar-me a vida!...
não t'o posso dizer... nunca!... —
Chorava!

—Basta... já sei quem és! Olhas-me anciada!
És uma mulher perdida,
és uma flor machucada!...
Fingio-se divinisada
poz 'na fronte uma capella!...
ella! —a mulher conspurcada!
ella! —a infame pervertida!
ella! —o corpo sem ter vida
sorrindo candida e bella!

ella! — vaidosa, adornada
co'a puresa da donzella!... —

— Ah!... —

....

A triste desmaiára
sobre o banco do jardim.
A rosa branca não era
'na primavera
tão branca e pallida assim!
o orvalho, que a orvalhára
pela terna madrugada,
não relusia
como a gota do pranto que sahia
dos cilios de Theresa desmaiada!

VI

—Anjo sem azas... sem azas!
sobre um chão de ardentes brazas
te lançaste resoluta...
e, cega, e, louca, não vias
que a virgindade perdias...
ai! prostituta!

Quando tudo te sorria,
quando a innocencia existia,
quando tua alma era innupta,
veio o algoz da tua sorte
trazendo-te a vida e a morte...
ai! prostituta!

Sofrega, a morte quizeste!
a taça do mel bebeste...
mas o mel era cicúta!
Louca! porque te perdias?
Sonhaste imaneas orgias...
ai! prostituta!

A teus paes déste o despreso!
e—o facho impudíco aceso—
abriste os braços corrupta!
adormecida—sonhavas;
eras rainha—reinavas...
ai! prostituta!

Porque me illudes, sereia?
de illusões esta alma cheia
co'a impostura e o vicio luta!
verme... que és tu senão verme?
queres morder-me
a epiderme!...
Vae, prostituta!

Ceguei-me 'na minha vida!
cobarde, infame, homicida,
lancei-me á crapula bruta!
do naufragio 'na anciedade
julguei achar virgindade
'na prostituta!

Nós somos iguaes! Proscriptos
pervertidos e malditos
que o genio do alcouce escuta!

dous astros sem horisonte!
eu—c'um ferrete 'na fronte;
tu—prostituta!—

....
....

Theresa ouvio tudo, gemendo, chorando
co'a face escondida... coitada! que dôr!
....
....
A lua entre nuvens lá vae deslisando,
e as brisas desmaiam, soluçam de amor!

CANTO III

A FLOR DO MATO

A FLOR DO MATO

I

Viver ouvindo a cantiga
do sabiá suspiroso
pousado 'num tronco annoso;
o arrulho da jurity
quando chama a terna amiga;
e escutar do bem-te-vi
o alegrissimo grito...
ai! Jesus! é tão bonito!

Distinguir 'nessas mil vozes
do despertar da manhã
risos, perfumes, amores;
vêr as azas multi-côres
          tão velozes

da borboleta louçã,
pousando
e se espanejando
'no calix de cada flor,
contente sempre voando
sempre voluvel 'no amor;
vêr a aurora os céos tingindo,
e a naturesa sorrindo...
ai! Jesus! como é tão lindo!

Ir 'n hora do meio dia,
á sombra dos ingazeiros,
sentar-se á beira do rio
orlado de cajueiros;
mirar-lhe as ondas azues,
vêr-lhe os peixinhos dourados
tão ligeiros,
tão tafues,
sempre nadando e fugindo
quando uma folha cahindo
fére leve a face d'agoa;
sentir 'no peito essa mágoa
que os homens chamam saudade,
que em suave desvarío
falla do amor, da amisade;
vêr as flores, o arvoredo,
e 'num tronco a parasita
que um'aza do vento agita;
vêr, mais ao longe, um penedo
surgindo
em meio da selva,
co'a grimpa orlada de relva;

ouvir a brisa, que vôa,
e que entre as cannas cicia,
e um debil som, que rebôa
'nos valles—a voz do sino...
ai! Jesus! é tão divino!

Oh! vida leda, mimosa,
deve ser essa, meu Deos!
—o futuro côr de rosa,
tudo a sorrir-se 'nos céos,
o verde 'nos arvoredos,
a crença em vós té 'na flor,
o viver um sonho bello,
o sonho... um hymno de amor!

Viver assim quem m'o déra!
sonho assim quizera
tel-o!
contaria á primavera
as dôres do coração,
ás brisas—os meus segredos,
ás aves—minha paixão!

Dize:—Onde existe a ventura?—

O riso á dôr se mixtura.

II

Alli — existe um valle recamado
de verdes alcatifas, cannaviaes;
o pincaro dos montes é coroado
d'arvores descommunaes.
Corre entre angustias pedregoso rio,
toma 'no meio um rapido desvio,
e cahindo depois sobre uma lagem
— marulhoso, formando uma voragem —
vae despenhar-se em ondas e christaes.

Além o açude, o engenho; ao pé do engenho
o forno; em volta cinco ou seis casinhas
co'o terreiro lustroso, limpasinhas
formosas a alvejar;

para um dos lados ergue-se alterosa
a casa de vivenda, a do senhor;
juncto á senzalla pobre e carunchosa
onde gemem de dôr
os que os homens quizeram captivar.

Mais além, mais 'no alto... não, não tenho
com que vos debuxar este painel!
—triste do bardo, que não tem pincel!—
Que está, sabei, a tudo dominando,
sorrindo bella,
alva, pequena, a Deos todos chamando
a engraçadinha e festival capella!

Verde tamarineiro
robusto, secular, contempla magestoso
todo este quadro, erguido 'no terreiro;
e entre as ramagens, quando o sol saudoso
vae dizer-lhe adeos lá,
sempre se escuta um som melodioso...
é a suspirosa queixa
de um negro sabiá.

Lugar delicioso
em que derrama
de noute a lua luzes seductoras,
delicioso lugar—quem vos não ama,
e em extasis não deixa
irem correndo as horas após horas?!

III

Era o senhor
do engenho — um velho honrado
commendador;
'na doce physionomia
impressa estava
a meiga sympathia:
prendia!
— Cincoenta annos de idade, alto, córado,
olhos negros e vivos, já grisalhos
cabellos, sobrancelhas; e vergado
de leve o corpo ao peso dos trabalhos:
nobre, severo, amante e jovial.
Um filho que extremoso idolatrava
fôra estudar 'no velho Portugal.

A paz alli reinava.
Era-lhe a vida
acordar
de manhã
quando a manhã surgia;
montava
ia
dar
um passeio
á meia-brida;
via
se a nova plantação
estava
sã,
senão
buscava
o que ella carecia;
ou então
se partia
a vêr
moer:
vivia
trabalhando
lidando
cheio
de prazer!

Em casa tinha alguem que o esperava
com sorrisos de amor;
era uma filha sua que lh'os dava:
—anjo, que as dôres
lhe lenitivava,

que a alma lhe enchia
de luz, de flores;
de poesia.

Era Leonor.

Ai!
como elle quando a contemplava
se orgulhava
de ser pae!

Era-lhe a vida!—um élo, que o prendia
áquella sua trabalhosa vida!
da esposa ha longo tempo fallecida
fiel retracto;
o viageiro, que ao passar a via,
extatico dizia:
« Que flor! é a flor do mato! »

Vamos, leitor, vamos, calla;
silencio... vou bosquejal-a:

—Os olhos negros e bellos,
o collo erguido e gentil;
negros e crespos cabellos...
que delicado
perfil!
alva pelle assetinada
sob a qual corre azulada
veia de sangue agitada
puro sangue de andaluz;
bocca breve e purpurina,

nariz grego, voz divina
que prende, encanta, e seduz!
Quando se move — e as cambraias
co'a mão branca e pequenina
'na frente um pouco arregaça, —
fal-o com tanta e tal graça
que enlouquece a quem a vê!
e então 'nas fimbrias das saias...
meu Deos! que linda botina!
Jesus! que ponta de pé!...
Que estatura graciosa,
que luzes seus olhos têm!
Nunca mulher mais formosa
sonhou 'no mundo ninguem!

Tinha um bello coração.

Quando algum preto fugido
voltava,
e lhe supplicava
que lhe impetrasse
perdão,
ella — o seio comprimido
de afflicção,
de prantos banhada a face, —
sobre elle estendia
a mão;
e, quando seu pae chegava,
o negro tinha o perdão.
E se algum adoecia
ella os remedios lhe dava,
velava-lhe á cabeceira,

tornava-se uma enfermeira,
ficava
do escravo — escrava!

Uma vez, 'na safra, a preta
que então as cannas lançava
'na moenda,
— preta que muito presava, —
ou por estar
fatigada
ou por ser muito indiscreta,
deixa as mãos escorregar....
Pobre! infeliz!
desgraçada!
quando gritou... já não tinha
braços para trabalhar!
O parol é todo sangue!
Arrancam-'na fria, exangue,
quasi morta, sem fallar!
Vão á casa de vivenda
para o senhor acordar;
veio: Leonor tambem vinha
que não quiz
desamparar
a preta, que tanto a amava,
e que ella sabia amar!
os remedios lhe applicava,
e chorava...
chorava de a vêr chorar!
E toda a gente anciosa,
admirada,
vendo a moça lacrimosa

a mostrar
ternura tanta,
dizia entre si pasmada:
« Sinhá moça é uma sancta! »

Dous annos havia apenas
que viera da cidade.
Mostrava ter tantas penas!
mostrava tanta saudade!

Era talvez dolorosa
tão dura e extranha mudança!
a cidade é tão ruidosa!...
a soidão dos matos cança!

O que é certo é que a menina
tinha dias de alegria,
pois que a bocca pequenina
ledos sorrisos sorria.

Porém duravam bem pouco
esses momentos risonhos!
—era a lucidez de um louco,
a f'licidade dos sonhos!—

Que duas orlas roxeadas
seus tristes olhos haviam!
como os prantos em bagadas
'no rosto bello corriam!

Menina, por quem derramas
teu pranto e essas côres perdes?

infeliz — acaso amas?
não vês esperanças verdes?

Amor, amor... não te sente
quem por ti não soffre e chora!
és um delirio da mente,
que a alma do triste vigora!

....
....

Dias e dias corriam,
horas e horas voavam;
e os negros, que assim a viam,
baixinho murmurejavam:

« Aquillo foi máo-olhado! »

« Calla a bocca! Foi quebranto! »

Que viver angustiado!
meu Deos! que pranto, que pranto!

IV

Á meia noute — diziam —
quando 'no engenho dormiam,
um cavalleiro, vestido
todo de negro, chegava.
O cavallo não corria,
voava,
quando essa hora soava;
nem a ponte atravessava,
longe um pouco se apeava
para não ser presentido.
E 'nas trevas envolvido
vinha o vulto
todo occulto
sem fazer algum ruido.

*

Diziam: — que conversava
com um phantasma trajando
todo de branco, e durava
essa conversa, até quando
'no oriente se mostrava
que a aurora se avisinhava. —
Diziam mais: — que elles eram
as almas de dous amantes,
'na vida sempre constantes,
'no morrer desventurados,
e que, ha muito, falleceram
'no = Valle dos namorados. =
Essas almas quebrantadas
tiveram
a triste sorte
de só se verem ligadas
'nos frios braços da morte;
e — altos mysterios da tumba! —
os corpos dos dous defunctos
foram encontrados junctos
'numa mesma catacumba! —

Porém
se o engenho moía,
ninguem
os dous vultos via.

Filhos de ricos, homens potentados,
por vezes tinham vindo
pedindo
por cubiça de ouro, ou por amor,
a mão de Leonor;

e ella mostrando angelicaes agrados
sahia
a consultar
o coração,
mas depois de pensar
sempre dizia:
—Não!—

Porquê?!
Um, que era querido
já tinha tambem fallado;
mas foi logo recusado
seu pedido
pelo velho, que não quiz;
porque antes morrer um filho
do que tornal-o infeliz!

Quem sabe dos sacrificios
que por nós fazeis, oh! paes!
e nós... buscamos os vicios
quando o verdadeiro trilho
da virtude nos mostraes!!...

Sequiosos de doçura
vamos sem norte e sem lei...
eis a deosa da ventura!
« Moços! 'nos meus seios hirtos
sugae delicias! bebei!
eia! coroae-vos de myrthos!
gozar é viver! vivei!!... »
....
....

Quem era esse predilecto
a quem a moça innocente
votára tão puro affecto?
—amor sancto de creança
reflorido da esperança
de creança inexperiente?—

Moço; chamava-se Alfredo;
dizia-se—por modestia—
o conquistador sem medo!
Figura altiva e louçan;
de cada moça 'no seio
estava qual talisman;
'no meio dos estudantes
era um novo Don Juan;
cabello aberto 'no meio
formando enormes bandós;
olhos azues scintillantes,
aflautada e doce voz;
'nas discussões invencivel;
quando fallava
julgava
ser de sabença um thesouro;
barba rara, o buço louro;
'nos gestos irresistivel
pois fazia
andar á roda
cabeças de moça; usava
trajes da ultima moda
da decantada Pariz;
fina luneta de ouro
cavalgava-lhe o nariz:

pobre! coitado! não via!
tinha a terrivel
molestia
que se chama—myopía!

No Recife era o primeiro
distincto por condição:
'nos amores—bandoleiro,
em qualquer jogo--ladrão,
bolsa vácua de dinheiro,
amigo da perdição.

Quatro annos de desvarios
fizeram ter calafrios
ao pae, que tanto semeára
sem ter colhido um só fructo!
Em quatro annos que estudára
não cursára
a Faculdade,
namorára
'na cidade,
tinha alguma habilidade...
sabia fumar charuto!

O velho pae, que o aturára
talvez—quem sabe?—em desconto
de algum tremendo peccado,
que tivera commettido,
deo providencias de prompto,
mostrou-se animoso, irado!
tinha a paciencia perdido,
tinha o engenho hypothecado!

Se tu acaso estivesses
attento, applicando o ouvido
ao que o teu filho querido
dizia em vozes rasgadas,
julgarias bem que preces
ao céo te foram rogadas!

Suspensa a gorda mesada
que lhe dava o pae ingrato,
aquella mão delicada
foi plantar... cannas 'no matto.

Fôra um dilemma enraivado!
—ou isto, ou assentar praça!—
Não! a vida de soldado
Para elle não tinha graça!

Haveis saber que o phantasma
todo de branco vestido
era Leonor;
e o cavalleiro, que pasma
o povo em medo imbuido,
o ex-doctor.

V

Uma noute ambos estavam
sentados a conversar,
e soluços se escutavam
de alguem que estava a chorar.
Quem chorava?—era Leonor;
porquê? ciumes talvez?
Alfredo perdera o amor
que jurára tanta vez?

Ouçamol-os conversar.

—De que tens que te assustar?
falla, que elle te perdôa;
quando a voz de um filho sôa

aos ouvidos de um bom pae,
que deve fazer? perdoar.—

—Ai!
pois inda o ignoras, Alfredo?
vou ser mãe... de que vale a esperança?

—De que serve o existir á creança?
posso eu dar...—
—Basta, basta! que horror!—

Mesmo a onça tremera
de medo
se entendera
tão grande maldor!

Leonor continúa:
—Matal-a!
que me dizes? não sabes? é crime!
homens, Deos, nem Deos mesmo o redime,
nem Deos mesmo... e bem sabes que é Deos!
Minha mão é mister supplical-a!
longe o inferno! subamos aos céos!—

—Pois vae tu! Curva, curva os teus joelhos,
vê se pódes mover-lhe a piedade!—

Leonor tinha os olhos vermelhos,
presa a voz... era a propria anciedade!

—Que me dizes Alfredo?!—
—Tens medo!—

—Tenho medo, e bem sabes porquê!
se souber d'este horrendo segredo,
ficará co'a cabeça perdida...
e—ai!—talvez que não possa co'a vida!—

—Que temor!
'num pae sempre se crê!
se elle almeja casar-te, Leonor,
se souber d'isto tudo... entendido
é, que te ha-de arranjar um marido!—

—Um, não tu? não me tens mais amor!...—

E as lagrimas em bagadas
'no rosto lhe deslisavam,
eram dôres que saltavam
dos rosados lacrymaes!
É feliz o desgraçado
que póde soltar seus ais!

Quantas vezes, desvairado
não temos nós visto o homem
a quem dôres mil consomem,
—fixo, duro e preso o olhar—
levantar
as mãos crispadas,
e com vozes abafadas,
ancioso murmurar:
« Ai! se eu podesse chorar! » ?

Prantos, vós sois o conforto
que acha o peito semi-morto

sem luz... esp'ranças nenhuma!
—gotas de orvalho singellas
cahindo nitidas, bellas
como um collar
desfiado
de perolas uma a uma!

Eu, por mim... sou fraco e choro!
mas de meu pranto não córo
que nunca me envergonhou!
Se gemo—choro escondido
meu soffrimento profundo...
não soffro os risos do mundo,
que os prantos nunca seccou.

Ás vezes, que tempestade
não me vae por dentro d'alma!
e eu mostro tanta alegria!...
tanta paz! e tanta calma!

Mas é certo que n'um dia
viram-me prantos verter...
era o espinho da saudade
que me fazia morrer...

era a dôr da despedida
curta... mas dura e cruel...
era eu, que partia a vida
bebendo um pouco de fel!

Eu sou feliz!... Perseguido
por fado cruel... embora!

que importa se ninguem chora
quando minha alma chorou?
eu, por mim sou fraco... e choro!
mas de meu pranto não córo
que nunca me envergonhou!

....

Por isso acesa em rubor
quando seus males contava,
quando crente em falso amor
de perdel-o se assustava,
era feliz Leonor
porque inda infeliz... chorava!

Confrageo-se a alma de Alfredo,
que sentio-se enternecer...
Oh! só resiste um rochedo
aos prantos de uma mulher!

Mas veio logo a vaidade
cegar-lhe a mente enlevada!
Vio a seus pés ajoelhada
sua victima tão só,
tão triste, tão malfadada
chorar que metia dó,
que lhe disse a fatuidade:
« Venceste! é tua! sê cobra!
falta completar a obra,
calcal-a inda mais no pó! »

Leonor era um thesouro,
cofre recheiado de ouro

bem difficil de colher!
Idêas em atropello
faziam-'no endoudecer...
oh! que futuro tão bello!
jogos... vinhos... que prazer!
Tinha a aridez dos desertos
e via ao longe a cidade
rir-lhe de braços abertos!

Osculou-lhe a mão formosa,
disse-lhe em voz alterosa
vaidoso, senhor de si:

—Por mim te sacrificaste...
pois bem! já que tanto amaste
sacrifico-me por ti!
Se tu fores repellida,
isso não te cause abalo;
hei-de abandonar o engenho...
'na cavalhariça tenho
gordo, possante cavallo;
'na garupa irás montada,
'no meu corpo os braços teus...
Não estejas assustada...
e á cidade! Adeos.—

—Adeos.—

VI

Ia a tarde a seu fim. A passos largos
vae 'na salla da casa de vivenda
triste o commendador.
Terá novos encargos?
não ha ninguem que o entenda,
quem conheça a sua dôr.
A um canto de temores rodeada,
descórada,
sentada,
está Leonor.

—Está triste meu pae?—
—Estou.—
—Porquê?—

—Porque te vejo triste, Leonor!
Tu que és de minha vida
a doce luz do dia,
a estrella mais querida,
a minha poesia,
a alegria,
o amor!
nem minha filha o coração me lê!
Que te falta?—
—Meu pae...—
—Quer-se casar!
tambem já o devia
adivinhar!
quer-me deixar!
É sorte, é sorte dos paes
serem assim despresados!
criam um filho, que os deixa
que os abandona talvez!
são instinctos naturaes...
Mas... o teu pae se se queixa
é que é velho... e fallador...
não vês
Leonor?
Mas vamos, quero saber
a quem déste os teus agrados;
finalmente vamos vêr!—

—Meu pae!...—
—Não tenhas susto, falla, falla!
E... digo-t'o aqui,
seja quem fôr... Mas não... talvez...—
Pensando

se arrependera. Pois havia dal-a
a um qualquer?
—Sem duvida escolheste?—

—Sim, escolhi.—

—Finoria! E isto me estavas occultando!
porque não m'o disseste?
tinhas medo?!
Como se chama?—
—Alfredo.—
—Alfredo?!
o que já me pedio a tua mão?—

—Sim...—
—Não!—

Reinou silencio profundo.

Era tremendo esse instante
de cruel revelação...
Leonor—respira a custo...
que susto!
que prostração!
Oh! não póde haver no mundo
mais cruel hora... oh! que não!

Após diz balbuciante:

—Agora...—

E chora.

—Filha, Leonor, ignoras
quem é esse a quem adoras?
Isto é loucura?—
—Meu pae...
é tarde!...—
E desprende um ai.

—É tarde!... meu Deos... que ouvi!!...
pois esqueceste...?!—
—Esqueci...—

Do velho convulso
levanta-se o pulso;
raivoso,
tremendo
'na filha bateo!
Parece uma féra!
tão pávido impéra
travoso
o veneno que o orgulho bebeo!
E a pobre menina
qual débil bonina,
que, o vento batendo,
definha e murchou...
'naquella amargura
da face tão pura
rolando mil prantos
cahio, desmaiou!

Ai! beija-flor das azas vaporosas
ai! beija-flor!
porque sugando meis tão bons e tantos

tocar foste 'nas rosas
tão cheias de amargor?
porque te enlouqueceste pelo amor?
ai! beija-flor!

Não se morre de dôr!

—Ah! que cego que fui eu!
todos por ahi fallavam,
e eu... não cria
antes me ría
do que elles rumorejavam!
Eu era altar solitario
c'uma lampada pendida...
hoje... o altar é mortuario...
a lampada está cahida!
Louco! em quem acreditei?
—'numa infame, que perdeo
puresa, affeições,
encantos,
e deixa o pae mergulhado
'na indignação e 'nos prantos,
e perdido... e deshonrado!...
O infame... esse desgraçado
veja a tua perdição!...
um punhal atravessado
terá 'no vil coração!
Vae! serpe, que 'nos meus braços
por tanto tempo afaguei!
Vae! vós, meus beijos e abraços,
que sobre ella derramei,
em odios e em maldições

*

agora vos convertei!...
Deshonrada... pervertida...
perdida, meu Deos! perdida!...
ella—que era a minha vida,
ella—que era um seraphim!
E pude eu crêl-a innocente...
e tive essa idêa em mim?!
Lyra—onde as tuas canções?
bocca—onde está teu carmim?!
onde esse rubor, que escalda
as faces da mais trigueira?
ai!... que é da tua grinalda
de botões
de larangeira?!...
Silencio!... Ou estou demente,
ou estes sons não são meus!
Deos! manda-me um raio ardente,
manda-me um raio dos teus!—

Que tamanha aquella dôr,
que duro aquelle soffrer,
quem ha que o possa dizer?
Oh! era muito melhor,
muito melhor o morrer!

Do velho extincto o furor
fica-lhe dentro a amargura;
o rosto o suor lhe innunda...
Como cava a desventura
uma ulcera tão funda!

Ah! mas que é da *flor do mato*

d'aquella tão linda flor,
que inspirava tanto amor?
curvou-a
o favonio ingrato,
murchou-a
dos sóes o ardor?
sim... o que é feito da flor?
—*A flor do mato* tão pura
ai! pobre! cedo morreo!
brilho, odor,
seiva e candura
'num desvario perdeo!

—Pae!
pela Virgem Maria,
por minha mãe... perdoae!
Deos
'nos escuta dos céos..
vossas iras abrandae!
Pae! minha agonia
vêde
eu... ou vou ficar
perdida,
ou findar
de fome e sêde!...—

O velho olhou-a e rio-se... horrendo, pallido,
só poude dizer:
—Sae!...—

Sae! é o espectro tormentoso, esqualido,
que sobre o desgraçado enorme cae!

Ouvio-se um grito... um grito de agonia...
Leonor soltára um ai.

Oh! ninguem, ninguem sabia
se aquelle homem teria
talvez coração de pae!

....
....

— Cáiam minhas barbas brancas,
que deshonradas estão!
Deos! com que forças arrancas
este pobre coração!... —

CANTO IV

RISO DE FADA

RISO DE FADA

I

Onde os deixei? Ah!... sim...
deixei-os no jardim.

E depois? separaram-se? a procella,
que sobre suas frontes revoou,
a flor do affecto, a flor da sympathia,
que 'nos sallões trementes de harmonia
bem d'alma lhes brotou,
por acaso arrancou?

Fie-se alguem 'no que é firmesa
do homem!
é a inconstancia a bussola que tem!
se hoje dôres agudas o consomem
ámanhan d'ellas um prazer lhe vem!

Luiz fugira,
cahira,
o véo, que cobrira
mentida
vestal!
Theresa
—a perdida—
de pejo corrida
chorava seus males... chorava-os em mal!

De que serve á trepadeira
nascida á beira do rio,
pedir á arvor'altaneira,
que rebentou n'um desvio,
que lhe estenda a verde mão
por levantal-a do chão?
É sina da trepadeira,
nascida á beira do rio,
pedir braços... sempre em vão!

De que serve á definhada
—'no inverno viçosa—alfombra
pedir aos sóes mais brandura,
chuvas á nuvem dourada,
ás brisas quentes frescura,
e ás plantas dos montes sombra?
É sina da verde alfombra
'marellejar 'no verão,
sentir-se quasi queimada,
pedir sombra... sempre em vão!

De que serve á penedia,
que um volcão rojou do mar,
pedir ás ondas horrendas
que ella ama em silencio á noute,
que não venham suas lendas
a seus pés tristes cantar?
É sina da penedia,
que um volcão rojou do mar,
soffrer das ondas o açoute,
ouvir-lhe o triste cantar!

XI

Assim Theresa — a perdida —
sem lenitivo chorava,
vio que sua alma
era escrava
de um predominio infernal;
á noute de sua vida
pedia
dia,
e não via
— ai! cega! — a luz, que irradia
o céo do lado oriental!
Do martyrio tinha a palma...
e, como um'alma penada,
julgou-se amaldiçoada

do céo, do inferno e do mundo!
Pois não fôra arremessada
'num lodaçal tão profundo?!

Mas dias após dizia
comsigo, se voltaria;
e affirmava,
e duvidava,
e assim corria
dia após dia
sem o mancebo voltar.
Uma carta finalmente
veio isto tudo
mudar.

Era este o seu conteúdo:

« Quero-te muito, creança,
mas perdi cedo a esperança
d'este querer, que em minha alma
lançou profundas raizes!
perdido, sem luz, sem calma,
murmuro lugubremente:
—somos ambos infelizes!—

« Vida! porque me fugiste?
—rola 'no bosque a dormir—
quem te virá despertar?
Eu?—não!... e comtigo ha-de ir
esta alma alquebrada e triste...
ha-de comtigo chorar...
e... sem te poder salvar!

« Que mal que fizeste a Deos?
diz': que mal, que mal tamanho?
Tu?... não!—tal castigo extranho
sómente pertence a mim...
que és um perfume dos céos,
um riso de cherubim...
o culpado sou eu... sim!

« Tão culpado! Nem tu sonhas
o que ha de cousas medonhas
'na minha vida... oh! que não!
palpo-me... sinto-me enfermo;
vejo-me... meu peito é um êrmo;
olho... é tudo solidão!
nem a crença me vigora!
pallido e triste por fóra,
dentro... tudo podridão!

« Culpado... que ergui meus olhos
para os teus olhos fitar;
culpado... porque entre abrolhos
o meu baixel fui lançar!
porque vil,
febril
e louco
vi-te, amei-te,
e dei-te
a vida,
amor tamanho e tão pouco!
culpado porque a mirar-me,
ouço a consciencia bradar-me:
—Foste amar uma perdida!—

« Perdão, Theresa... perdão!
procurava
a salvação,
que eu precisava
salvar-me,
e em vez d'ella fui achar-me
'nos braços da perdição!

« E quem sou eu que te fallo?
eu—que só busco o prazer,
e sempre quero encontral-o
'nos beijos de uma mulher?

« Qual de nós tem já vivido?
qual de nós tem melhor sorte?
qual de nós é o pervertido?
qual de nós procura a morte?

« Um dia já tive amores,
já fui 'no mundo feliz;
já tive olhos seductores
que me fitavam gentís!

« Mas... surgio a tempestade
depois de tanta bonança!
ai! quão falsa é a f'licidade!
ai! quão mentida a esperança!
maldito sou eu! maldito
porque esta alma não descança!
tenho 'nesta fronte escripto
ferrete ignominioso!...
e posso inda crêr em Deos,

e ainda aspirar um goso?!
se tenho um astro 'nos céos
foi-me sempre mentiroso!

« Sim... eu sinto que te amo,
o amor 'no meu peito calla;
mas inda a voz do precíto
lugubremente te falla:

« —Nós somos iguaes! Proscriptos,
pervertidos e malditos
que o genio do alcouce escuta!
Dous astros sem horisonte!
Eu—c'um ferrete 'na fronte,
tu—prostituta!—

« Basta. Fel e amor derramo
'neste papel infeliz...
Lê, rasga-o. Adeos.
« Luiz. »

O amor que essas phrases géra
é como o bramir da féra
quando pula sobre a rez;
Luiz amava e soffria,
era uma dôr que se ria
'numa agonia
talvez.
Tinha essa carta resabios
de dôr e de insensatez...
que o homem quando se lança
—caminho da perdição—

vae co'as blasphemias 'nos labios,
co'as impiedades na mão!
em luta com mil revezes
nem se lhe descobre ás vezes
'no rosto uma contracção!
nem uma luz de esperança
em tão negra cerração!
e folga e ri... tudo em vão!
mas... roe-lhe um cancro por dentro
o centro
do coração!

Theresa sustou de enleio,
comprehendeo aquella dôr;
e uma baga de suor
'na face correr-lhe veio:
soffria, mas... não chorou.
Tomou papel, tinta e penna
e em letra linda e pequena
escreveo:
—Venha.—
E mandou.

III

Que lindo gabinete!
Rico tapete,
serpentinas,
cortinas,
jarros de porcellana sobre a mesa,
grupos, vasos de extractos... que grandesa!
Tudo aqui é riquesa!
Estamos 'no toucador
de Theresa,
que 'num genuflexorio á Mãe do Redemptor
tacitamente resa.

Por quem resas, flor bonita,
que has a peçonha 'no calix,

que desamparaste os valles
por 'nas cidades viver?
quem é que o labio te agita
'na face tua fervente?
pois tu não sabes, demente,
que só deves maldizer?

Pois tu não sabes que a resa
de uns labios prostituidos
são ais por ninguem ouvidos,
que ninguem quer escutar?
quem te faz orar
Theresa?
estarás
arrependida?
quererás
agora a vida
passal-a inteira a resar?

Resa... Deus te escuta a prece!
parece... juro-o... parece
que ficas mais bella assim
volvendo as folhas douradas
do teu livro carmezim;
pallida, e posta de joelhos,
e com vozes abafadas
dando suspiros sem fim!
os olhos tristes... vermelhos
co'as duas orlas roxeadas...
oh! ficas mais bella assim!
Resa, sancta, resa tu;
resa — que Deos não é crú.

Feliz de quem — d'este mundó
'nos trances angustiados —
póde levantar os brados
e mandal-os para Deos!
esse... inda espera e confia
que terá porvir jocundo,
que a Virgem Sancta Maria
manda-lhe um riso dos seus!
sua alma é formosa e grande,
tem seu peito um coração!
oh! feliz de quem se expande
'nas regiões da oração!

....

De cima de um consolo
de um relogio os martellos rebateram;
cinco horas deram.
Após ouviram-se palmas.

—Luiz!—
—Theresa!—
E essas almas
'numa só se confundiram!

....

Ergue essa fronte do sólo
não a rojes mais no pó;
teus dias tristes fugiram
Theresa, já não 'stás só!

Os instantes da alegria
são 'na vida tão escassos!

Eia! alma e corpo inebria
'nos beijos e 'nos abraços!

O prazer 'nalma lhes vaga...
elle a fita... que effusão!
ai! põe teus olhos 'no chão
que tanta ventura esmaga!

Ergue-se... Deos! que ternura!
olha-o... não córa, descóra...
não póde fallar... murmura...
não póde sorrir... que chora!...

Eia! alma e corpo 'nos vinhos
dos prazeres ensopae!
do mundo os duros espinhos
co'a ponta do pé lançae!
Pombos... que ternos carinhos!
vossos peitos são arminhos...
o céo é puro... voae!

IV

Oito dias já passaram
de amorosa
embriaguez...
que meis seus beiços roçaram
que mimosa
languidez!

....

....

Era de tarde. Sentado
'numa cadeira de braços,
Luiz em silencio escuta
triste e negra narração.
Theresa, que falla, a espaços

suspende-se um pouco... e chora;
—lagrimas puras da aurora
'nos desertos do sertão!—
Luiz tem a face enchuta
mas soffre 'no coração;
palpa-lhe aquella alma attrita,
e não se póde conter
que brados de indignação
lhe vem do imo a romper.

Ai! é bem triste vêr,
e estudar a alma da mulher
proscripta
'no mundo a padecer!
que quadros desregrados!
que fria hediondez!
que affectos recalcados!
que pávida nudez!

Theresa é a propria Leonor.

Ouvi: vae fallar a dôr.

« Ha homens que a naturesa
marcou com ferro fatal;
homens que riem da presa
ferida por seu punhal.

« Um era Alfredo. Sorrio-me,
prendeo-me
o primeiro olhar;
depois perdeo-me,

trahio-me;
a face pura ferio-me...
funesto esbofetear!...

« Alfredo tornou-me escrava
'na idade da adolescencia...
não era eu que o amava!
era a minha inexperiencia!...

« Foi por elle que eu, menina,
cri tocar—cheia de ardor—
a corda d'harpa divina
que os homens chamam amor!

« Fui de meu pae repellida...
perdi ventura e innocencia!...
Oh! maldita é minha vida
perdida
'na inexperiencia!

« Vês? Ainda sou tão moça
e já 'nos meus labios roça
o sorrir dos moribundos!
Por dentro estou comballida...
é toda cheia esta vida
de soffrimentos profundos!

V

« Era noute cerrada.

« Cercada
de sustos,
repellida,
perdida,
medrosa
fugi.
Negro o céo
relampeja;
raivosa
troveja
tempestade
que as nuvens arrasta após si.

« Eil-a vae!
corre asinha!
e as nuvens já rotas
deixam gotas
pesadas
e frias
cahir;
e 'nos troncos robustos
rebenta
a tormenta,
como as ondas rasgadas
'na rocha a bramir!

« Triste a face da terra!
desertas campinas!
tremem,
fremem
boninas
roçando
'no chão...
cahem troncos adustos
saltando,
rolando...
e eu...
sósinha,
mesquinha
sem luz,
sem perdão!...

« Ai!
eu sei... fui culpada!
mas... eis-me sem vida

como a folha pisada
cahida
'no pó!...
vós sois pae...
meu Jesus!
pela vossa agonia,
pela Virgem Maria
de mim tende dó!

« Este quadro a alma atterra!
piedade!
soccorro!
vós não vêdes que eu morro?...
ai! eu quero viver!
oh! meu Deos!
pelos céos!
não mateis meu filhinho
pobresinho
que em breve terá de morrer!

« O susto, o frio
me empece os passos;
rouqueja o rio
cheio a correr...
Abre-me, oh! morte,
abre os teus braços
que é minha sorte
moça morrer!

« Que valem dôres,
que valem prantos,
ante os horrores

d'este soffrer?
Ai! dobra, sino,
plange teus cantos,
que é meu destino
moça morrer!

« Ouvi-me as vozes,
féras bravias,
que ides velozes
vos acolher...
Tenho o sudario
das agonias,
que é meu fadario
moça morrer!

« Vejo cyprestes...
oh! que anciedade!...
sinto-me prestes
desfallecer!...
Oh! Mãe Divina,
tende piedade!
tirae-me a sina
de assim morrer!

....

« A ave agourenta da noute
co'a ponta d'aza um açoute
'no rosto me veio dar...
fugi de medo, assustada
como a corça já ferida
perseguida
a correr e a tropeçar.

« Cahi 'no chão desmaiada,
longo tempo estive assim...
que fado
tão malfadado
lançára o destino em mim!

« O dia em que vi a luz
foi um dia de desgraça;
deu-me a beber dura taça,
e a carregar dura cruz.

« Nasci do ventre da morte,
com risos o mundo vi...
minha mãe tivera a sorte
de morrer quando nasci!

« 'Nesse momento fatal
uma coruja piou...
um pio tão sepulchral
nunca ninguem escutou!

« Que contraste! que delirios
não se viram n'esse instante!
—de um lado—enxovaes de infante,
e do outro—mortalhas... círios!

« Vida e morte reunidas!
choro e riso concertados!
mãe e filha desprendidas!
fructo e galho separados!

« Assim fui eu... e o meu filho,

que nascera em meu desmaio,
sem vêr 'na terra um só brilho,
sem vêr 'nos céos um só raio;

« nascido co'os céos revoltos
morreo em poucos momentos!
não vio meus cabellos soltos!
não escutou meus lamentos!

« Nem bebeo a creancinha
tragos de leite materno!
bebeo chuva miudinha...
ouvio os trovões do inferno!...

....
....

VI

« Era
'na primavera.

« As aves saltitavam,
chilravam
de prazer;
o verde das florestas
mil festas
ia ter.
O prado
matisado
de flores mil a mil,
a nuvem côr de rosa
formosa
em céos de anil;

o orvalho
matutino
'nos calices da flor;
do rio christallino
o galho
a vêr a côr;
tudo prendia
o seio
de enleio
encantador;
tudo
que então vivia
dizia
mudo:
—amor.—

« Era
'na primavera:
com ella
bella
veio
de novo a minha côr.

« 'Num domingo que eu chorava
saudades, vergonha e dôr,
diz-me o probo lavrador
na casa do qual estava:

— « Estaes mais bonita agora
minha Dona, agora sim!
Mas vós choraes?! muito breve
morreis se fordes assim! » —

— « Manoel, se a Dona chora
é porque tem que chorar!
olha o nosso pequenino
como começa a gritar!
chora... alguma cousa teve
isso te affianço eu! » —

« Para o panacum correo,
e cantou esta cantiga:

— « O menino
Antonino,
do tamanho de um *pinéo,*
por amor da falsidade
não ha-de ganhar o céo. » —

« Da mãe ao canto saudoso
a creança adormeceo...

— « Dona, esta mulher que diga,
se assim pobre como sou,
o seu marido algum dia
de ser serviçal deixou.
Não goso da f'licidade
que muitos 'no mundo têm...
mas não sou ambicioso,
não faço mal a ninguem;
minha maior alegria
'neste mundo é fazer bem.
Assim não vos acanheis,
Dizei-me o que precisaes;

não vos importeis
co'o mais! » —

— « Eu quero escrever. » —
— « Pois bem! » —

« Trouxe-me tudo: escrevi.
Era uma carta a meu pae:
pintava-me desgraçada
só, triste, vil e mesquinha
fruindo extranho favor...
que eu era filha... culpada,
porém filha arrependida,
e que ia sumir a vida
'num cahos tremendo de horror. —
Fechei-a,
mandei-a.
Ai!...
que resposta! a carta vinha
toda rasgada!
mal que meu nome escutou:

— « Leva-lh'a! » —
« Disse e a rasgou!

« Dirigi-me então a Alfredo:
pintei-lhe o cruel degredo
em que vivia a penar;
— louca! inexperta! — chamei-o;
que me viesse buscar,
que não me deixasse. Veio.

« Fomos para a cidade.

« Ahi... elle sahia
para me deixar só...
tinha a bolsa vasia
e... arrojou-me 'no pó!

« Ao regaço da alegria
como louca me atirei!
mel travoso que inebria
inexperiente provei!

« Oh! calix d'amargura
eu te bebera as fezes!
—feia lubricidade—
oh! quantas, quantas vezes
comtigo me abracei!
Luiz, que sorte escura!
que misera orphandade!

« Entrou-me em casa um dia
um casquilho ancião;
o corpo lhe tremia
tinha um papel 'na mão.

« Trajava bem: usava cabelleira,
parecia tingir bigode e pera;
pesado e gordo e obeso... era o inverno
com suas pretenções de primavera.

« Ao vêl-o quasi me ri...
deo-me o papel e isto li:

— « Escrevo-te, Leonor,
para dizer-te este adeos;
é a minha despedida
os grandes cuidados meus!
Eu te envio em meu lugar
bem recheiada carteira
'nos bolsos de um Senador.
Como és feliz, feiticeira!
como sabes conquistar!
Eis um nobre, rico, terno,
tens d'elle tudo a ganhar!
Emtanto toma cuidado
que elle é ciumento terrivel!
não lhe sejas fementida!
franca, leal e constante
terás um peito sensivel,
um nobre amante invejado,
ouro, joias sempre ao lado!
Vê que futuro brilhante
que te estava reservado!
e é a mim — teu ex-amante
que has-de ficar obrigada!
Vês? não me esqueci
de ti...
porém não me deves nada!

— « Bem sabes que eu desejava
vêr-te commigo casada...
mas... ficavamos dous pobres!
inda se houvesse os cobres!...
mas teu pae não dava
nada!

o meu é um grande carrança...
deixa-me a bolsa vasia;
e eu... nem sequer tenho a esp'rança
de legar de alguma tia!
Sobre tudo isto... segredo.
Adeos... e saude.
Alfredo. » —

« 'Stava alli patenteada
a alma vil d'aquelle infame!
Haverá homem, que ame
e ás faces da deshonrada
tamanha injuria derrame?!

« Raivosa, toda eu tremia,
queimava-me a carta a mão...
arremessei-a 'no chão...
o Senador... esse ria
de vêr a minha paixão.

— « Que de mim quer o senhor? » —

— « Muita cousa... talvez pouca.
Passando por esta rua
vi-te um dia 'na janella;
achei-te, mulher, tão bella,
de gesto tão seductor,
que esta cabeça está louça,
que por ti morro de amor!
Se queres, partamos!
vamos
para o Rio de Janeiro!

sou Senador,
e dinheiro
a minha algibeira traz:
bem vês que feliz serás!
tudo terás!
Ao moço que te escreveo
devo eu
gostosa paz!
mandou-me a esta casa tua
para isto... que bom rapaz!
Mas... que tens? leio o desgosto
que te vem do coração...
—e após, batendo-me o rosto:—
Vamos! que dizes? então? » —

— « Mas... » —

— « Leonor, eu não te obrigo
a vires ou não comigo!
se não me queres...
vê que não faltam mulheres! » —

« Fôra pouco o que eu soffrêra
por meu cruento fadario!...
fôra bem pouco!—eu devêra
subir... até ao calvario!

....

« O mundo era-me tão féro!
estava sem pão... sem lar!
tinha a sorte de Ashawero,
não devia *caminhar?*

— « Pois vou! » —
— « Mas venho breve buscar-te;
partimos hoje. » —
— « Sim! sim! » —
E parte.

« Pae!
minha agonia vêde!
ai!
que dôr que me consome!
—eu... tinha medo da sêde...
—eu... tinha medo da fome!...

....

« Partimos á tardinha. As azas ferreas
removeo rapido o fugaz vapor...
Adeos! adeos minhas saudades terreas!
adeos, meu pae! adeos! morreo Leonor!

« Ao lusco-fusco, em lagrimas banhada,
eu vi—cheia de mágoas—,
a Cidade, a *Venesa transportada*
sumindo-se 'nas agoas! »

Callou-se; o pranto as faces lhe orvalhára;
porque voltára
a pagina escondida
de sua vida?

Luiz que 'na alva fronte da perdida
vira
estampada

a casta singelesa, e que sentira
infiltrar-se em seu peito a mesma dôr,
disse-lhe terno:
—Leonor,
és digna de grande amor!
mulher... que foste illudida,
eu... não te julgo culpada!
'no mundo ha tanta capella
de donzella
machucada!—

E ella, de amor enlevada,
de prazer embevecida,
rio-se... era um riso de fada!

CANTO V

ANIMÆ ARCANA

ANIMÆ ARCANA

I

Mundo! és virgem 'numa orgia,
puresa em turbida huri!
estatua de marmor fria,
que raiva, asserena e ri!
confusão de scepticismo,
viridas orlas d'abysmo,
gello por sobre volcões;
luz, que attrae, céga e deslumbra,
nuvem dourada que obumbra,
mixto de horrendas paixões!

Quem te lêra! quem soubera
—'no livro que em punho tens—
o manancial que gera

a flux os males e os bens!
quem chegára attento o ouvido
por saber como o gemido
ao riso se vem junctar!
como se pagam venturas,
como se applicam torturas,
como se aprende a chorar!

Tudo o que nos patenteas
grava a dôr 'no coração;
informes, torpes idêas,
tremenda contradicção!
—cahos horrendo—onde a menina
mais pura que a Messalina
milhões de vezes não é...
—uma, febril—o amor sonha,
—outra, candida—a peçonha
bebeo sem saber porquê!

Onde a justiça 'na terra?
aqui não 'na vejo eu...
ouve-se um grito de guerra
e o sangue insonte correo!
aqui vejo soberanos
calcarem aos pés tyrannos
costumes, subditos, leis!
povos que se erguem raivosos
como escarcéos tormentosos
tragando sceptros e reis!

Eis uma virgem perdida
—o orgulho dos pobres paes!—

uma fronte encanecida
esmolando a soltar ais!
um, que nasce, outro, que morre,
um, que póde e não soccorre
o que é 'no leito a gemer;
um, que prazeres desfructa,
outro, que na vida luta
té que a morte o vae colher!

Estes em rútilos carros
'nas turbas saccodem pó...
eia! arrojae os escarros
'no povo, que soffre só!
Justiça aqui não na vejo!
vejo o subido despejo
dos que têm ouro e têm mel;
vejo o rico enthronisado,
e o pobre... o pobre aviltado
co'a a bocca a travar de fel!

II

Inda não poz fim á historia
de sua vida
a perdida.
Aquella estatua marmórea
taes rebates tem pela alma,
tal dôr o' peito lhe calla,
que é mar que nunca se acalma,
silencio triste que falla!
Vendo-a dirieis: « É ella
—a estatua da desventura—
c'um punhal no coração!
dil-o essa face amarella,
dil-o aquella
contorsão!

sim... é uma creatura,
das mãos de genio sahida,
que vem a mostrar
a vida,
co'a morte a lutar
em vão!
e essa face angustiada...
não!
é a *allucinação!* »

—Mulher, que foste illudida,
eu... não te julgo culpada!

« Tens rasão!
fui illudida!
não ser culpada... isso não!
como 'naurora da vida
abrir os braços aos vicios,
e prender a alma em cilicios
'no meio da corrupção?
manchar as barbas de um pae...
ai!
é crime sem ter perdão,
é crime de maldição!

« Para mim não ha clemencia
'na humanidade... não ha!
diz-me sempre a consciencia
que só Deus me perdoará;
minha esp'rança mais sonhada,
minha crença mais amada,
não 'stão 'na terra... estão lá!

« Puz os pés 'nas Alagôas.
bella, simples, festival;
cantavam-lhe as brisas lôas
'nos leques do palmeiral.

« Andei 'na vasta Bahia,
fui té o adro do Bomfim;
que painel d'alli se via!
que mar placido e sem fim!

« Bahia é a mesma d'outr'ora;
vaidosa, que se enamora,
velha, nobre, altiva e rica;
defronte véla
por ella
como fixa sentinella
a formosa Itaparica.

« Vendo-a lembrou-me um poema!
o episodio de Moema
Paraguassú e Diogo;
e o Pirajá invejado
onde o cidadão soldado
vio a gloria, a morte, o fogo!

« Que serros alcantilados
pela costa do Brazil!
que paineis arrebatados!
que nuvens! que céos d'anil!

« Todos fugiam de mim
como de espirito ruim.

« Nos outros—tanta alegria!
em mim—tamanha tristesa!
—os mimosos da ventura,—
—a mimosa da impuresa!—
extranha entre elles eu ia...
o falcão levava a presa!

« Como alli tudo vivia!
—A mãe, que revê 'na filha
os olhos do esposo amado;
o pae, que se maravilha
ao vêr-lhe o gesto engraçado;
o irmão, que é todo ternura,
o amante, que é todo amor,
a amisade franca e pura...
tudo, era tudo uma festa
sob a tolda do vapor!

« E eu tão só!... Era a maldita
nascida em signo ruim...
minha sorte estava escripta:
todos fugiam de mim!

« Não fugia o Senador,
que, sempre de noute, ao brilho
das estrellas, quando eu vinha
sentar-me 'no tombadilho,
minha mão 'nas suas tinha,
terno fallava de amor.

« Para o meu destino ia,
e elle ardente me dizia:

«—Leonor, quando 'no Rio
formos, então... então sim!
Isto aqui é tudo frio,
tudo o que viste não presta!
Estás a rir? não te rias,
fallo-te serio!
este mar aborrece! é um cemiterio!
O Rio—has-de o vêr
que lá iremos ter.
Has-de ser
uma rainha
como camelia em jardim!
como has-de ficar bonita
co'os adornos que eu te dér!
'nas faces—carmim,
'na cincta—uma fita...
não me conheces... mulher!
Has-de vêr
o que não vias
de joias 'nos sonhos teus...
riquesa! sou rico!—os meus
cofres de ouro são tão cheios
que em ouro pódes dormir!
porque és assim
a sorrir?
Terás collares, pulseiras,
diches, brilhantes 'nos seios,
anneis, botins de setim,
ricas peças de velludo,
carros, pagens... tudo! tudo!
Eu sou capaz de loucuras,
sou capaz de cem asneiras,

quando vejo creaturas
tão formosas como tu;
nem ha gello que arrefeça
esta maldita cabeça
quando vejo um corpo nú...
uma perna torneada,
um pé, que de leve
pisa,
umas espaduas de neve,
um seio esbelto de fada
erguendo um'alva camisa,
onde os affectos pullulam,
onde as loucuras pipillam,
onde os offegos arrulam,
onde os prazeres scintillam,
onde o amor se divinisa!... » —

....
....

III

« Emfim chegamos aqui;
aqui—onde ufano ostenta
o vicio a fronte de réo;
aqui—onde o labio ri
d'alma, que á vida morreo;
onde a virtude se esconde
rodeada
de baldões,
cercada
de maldições;
aqui—onde
o sol aquenta
tanta face de Proteo;
aqui—mixtiforio horrendo

de prazer e desventura!
aqui... não me vês tremendo?
ai! tenho tanta negrura!

« Anjo bom de minha guarda
porque me não vens guardar?
estende — que eu sou bastarda —
as azas por me abrigar!

« Luiz, dize, onde fulgura
a aurora da redempção?
é além... além — 'na altura,
ou 'neste mundo villão?
não sabes? tambem não sei!
sei que não creio 'na vida,
sei que choro... que chorei!
sei que sou mulher perdida,
sei que esta alma apunhalei!
sei que hoje sou apontada,
que as virgens fogem de mim;
sei que já fui estimada,
que tambem fugi assim!

« Oh! meus sonhos de esperança,
que abysmo vos devorou?
sorrisos meus de creança,
quem tão cedo vos murchou?

« — Onde esse rubor, que escalda
as faces da mais trigueira?
ai! que é da minha grinalda
de botões de laranjeira? —

« Mãe! que destino tiveste
de morrer por tua filha!
ai! porque cedo morreste?
onde o astro que por mim brilha?

« Fui tão feliz em creança
com meu irmão, com meu pae!
Deos! um raio de esperança
'no meu céo negro lançae!

« Oh! tenho tanta negrura
que nem t'as posso contar!
foge de mim que te empesto!
Vae! não te quero manchar! »

—Não! conta-me agora o resto.—

—Que mais te posso eu dizer
que tu não saibas agora?
é minha vida gemer
rir... chorar de hora em hora!

Isto é de um homem casado,
rico, nobre e Senador...
Luiz, quem terá provado
mais tortura,
mais horror?—

IV

— Moça dos olhos pisados
embebe-os 'nos olhos meus...
os meus olhos ennublados
são mais tristes do que os teus!

Embebe-os, creança, embebe-os,
lê-lhes a negra affliçäo!
seus raios mornos recebe-os,
aquece-os 'no coração!

Ai! sim! aquece-os! Quem sabe
se resuscitam da dôr?
pois o affecto já não cabe
'no teu seio? o amor? o amor?

Tu te callaste, açucena?
não me respondes? que tens?
abre essa bocca pequena,
dá-me o que 'nalma contens!

Moça dos olhos pisados
embebe-os 'nos olhos meus!
Vê: meus olhos ennublados
são mais tristes do que os teus!

Vamos, filha, o desalento
repelle do peito já!
eu... sou de amores sedento...
ai! de mim o que será?

Para nós inda estão vivas
as premicias do prazer!
de que venturas te privas
se queres cedo morrer?

Vivamos! a vida é breve!
gosemos! não morre o amor!
tens um thesouro de neve,
e um riso deslumbrador!

Moça dos olhos pisados
embebe-os 'nos olhos meus,
que os meus olhos ennublados
são tão tristes como os teus!

Eu bem te leio! Conheço
que inda tua alma é de mel...

filha! ao teu halito esqueço
que a bocca me trava fel!

Olha... eu tambem fui amado!
já gosei e já vivi;
tenho o peito quebrantado...
ai! mas inda não morri!

E emtanto ainda te digo:
—amo, quero-te, mulher!—
Será talvez um castigo?—
que importa? deixal-o ser!

....

Tu, que os teus olhos pisados
embebes 'nos olhos meus,
Vaes vêr que os meus ennublados
são mais tristes do que os teus!—

V

« Houve 'noutr'ora um tempo em que inda era innocente
e em mar azul deixei correr sem timoneiro
de minha alma o baixel garboso, altivo, olente;

« houve 'noutr'ora um tempo em que um sorrir faceiro
os labios meus abria em jubilos celestes,
e ia o sangue 'nas veias tepido e ligeiro.

« Oh! sóes! sóes d'ouro! luas de encrespadas vestes!
oh! céos, oh! céos de anil, e estrellas scintillantes!
se tinheis de fugir porque não m'o dissestes?

« Então... então a voz das brisas doudejantes,
que além—'nos canaviaes—passavam gargalhando,
cria que era o gemer de espiritos errantes!

« Então da nuve' a sombra, que ia resvallando
'na crista da montanha ao dar o meio dia,
de aves de arribação acreditava um bando!

« Então cada feitura a mente me prendia!
julgava ser dos céos a côr da borboleta,
e a luz do vagalume a estrella que cahia!

« Então, creança louca, a divagar inquieta,
rindo sempre ao dormir, e despertando rindo,
sentia... diga-o Deos! sentia-me poeta!

« E foi tudo um sonhar? se o foi, era tão lindo,
tão cheio de saudades, tão nativo e rudo,
que, ao recordal-o, sinto as lagrimas cahindo!

« Hoje procuro o quadro e vejo-o... mas tão mudo!...
Illusões infantís, arcanos de creança,
risos, sonhos de então é tudo morto... tudo!

« Mentira!—O coração, d'essa fugaz folgança,
—como o cofre, que encerra uma reliquia pura—
bem 'no imo calcou seductora lembrança!

« guardou de uma creança o perfume, a candura,
a bocca de carmim, a voz, os olhos bellos,
o donaire gentil, o lirio da figura,

« e a cabelleira de ouro, o rir, os ternos zellos,
e as tardes de verão em que, junctos, corria
os dedinhos gentís por entre os meus cabellos!

« Guardei-a inteira 'nalma, inteira! Eu não podia
sopear, d'ella distante, a minha voz tristonha
sempre a chamal-a em vão... em vão que não me ouvia!

« Sempre 'no meu pensar! Surgia-me risonha
de noute reclinando a fronte 'no meu leito
riscando-me da mente uma afflição medonha;

« via-a desperto... ai! triste a quem eras affeito!
fitava os olhos seus extatico, arroubado,
unindo-a vezes mil trémulo contra o peito;

« e tinha-a como outr'ora—anjo da guarda—ao lado;
recordava-lhe sempre os infantís folguedos,
e o meu sombrio céo tornava-se dourado;

« e contava-lhe os meus reconditos segredos;
e ella—meiga, a sorrir, deixando-me um consolo,
vinha leda lançar entre os meus os seus dedos!

« e adormecia ás vezes—quantas!—em meu collo:
—açucena do val, que, cheia de calores,
o calice reclina e pende e lambe o sollo!—

« Foi-me 'no exilio a musa, o allivio ás cruas dôres,
o anjo da salvação, a gota 'no deserto,
a brisa em quadra ardente alando-se em frescores!

« Foi minha, minha só!
« Mas... n'um dia, desperto
vi que a illusão findára, o encanto fenecêra!

nde encontrar cuidára um céo azul aberto...
ncontrei um punhal 'nos peitos de uma féra!

« Ai! Deos meu!
como eu
a amava!...
como depois de dous annos
tamanho amor me pagava!
ai! vinho dos desenganos
como em ti me embriagava!

« Uma vez...
ficamos por mais de um mez
—não sei porquê—arrufados;
inda eu de amores vivia...
e não eramos casados!
fiz-lhe então uma poesia...
Vou recitar-t'a Leonor;
inda a conservo de cór.
É um canto cheio de dôr
de cabeça que delira...
escuta:
Versos a Elvira:

—Escuta a luta que devora agora
meu seio cheio de cruel pesar!
Elvira, Elvira ao teu despreso preso
não minto, sinto que me vou findar!

Olhar-te e amar-te, bemdizer-te ao vêr-te
foi 'nalma a palma que nasceo, brotou...

ai! tanto encanto me cegava! e a lava
de um peito affeito ao desamor—jorrou!

Loucura escura! o pensamento lento
sentou-se... alou-se e para ti correo!
Prendi-me... ri-me como escravo ignavo,
que—estulto—o insulto sem córar soffreo!

Tormento lento em disfarçado agrado
que a morte em sorte me vem dar cruel!
—bacchante amante decorreste preste...
desgraça! á taça me atirei do mel!

Suspira a lyra, que uma endecha deixa
revolta, solta que se perde além...
zephiros divos não na escutam, lutam
e correm, morrem sem me ouvir tambem!

Desmaia—á praia, que se alaga—a vaga;
deslisa a brisa em festival jardim...
vae nua a lua vagarosa, airosa;
é tudo ludo... e a desventura 'em mim!

Ferina! a sina, que me déste, enfeste
a fronte insonte de cruel amor!
maltracta, mata pouco a pouco um louco
perdido ungido por immensa dôr!

Mas... basta!... Affasta borboleta inquieta
os ferros perros que lançaste em mim!
adora e chora, como adoro e choro...
murmura pura: tambem amo assim!—

« Foi minha! Mas a sereia,
cujo canto me prendera,
trahio-me um dia... E eu que fiz?
tirei-lhe a vida! matei-a,
quando inda 'na primavera
da vida estava... infeliz!

« Infeliz ella? e eu que sou?
infeliz ella? loucura!
e o que foi ella?
—uma estrella,
que 'no vacuo se abysmou;—
e eu?—viajor, que, em noute escura
perdeo a vista... e parou!—

« Uma noute—era já tarde—
fôra eu vêr uma doente,
que estava
quasi a expirar...
não muito perto morava
e eu lá fôra pernoutar.
Quando cheguei,
morta, bem morta a encontrei.
Dando de esporas voltei;
como um demente
voava,
sem saber que horrenda
senda
teria de caminhar!
A porta de mansò abri,
subi...
Sem ser por ella esperado

pelo corredor entrei...
ouvi rumor, e escutei...
Fallavam dous, *elle* e *ella*...
Uma luz crepita e arde
'num dos cantos da janella.
'Na bainha — desmiolado! —
tiritava-me o punhal,
— pobre amigo despresado,
de sorriso asselvajado,
porém constante e leal! —

« Juravam juras de amor...
fallavam fallas tremidas...
jogavam jogos de morte...
sem saber que eu tinha a sorte
de dispôr de suas vidas!

« Ouvi de novo um rumor...
era...
« Não pude conter-me!
tinha 'no peito a morder-me
a ponta de ciume atroz!
criára força 'nos braços
e lancei 'no chão a porta
feita estilhaços!
....
Entrei... ficou semi-morta...
talvez que em meus olhos visse
uma alegria feroz...
e se de sustos anciava,
é que encarava
um algoz!

olhei para o infame e disse
que sahisse...
sahio: e ficamos sós.

— « Agora nós! » —

« Lançando os olhos, pávida, tremia
como se a morte a contemplasse alli,
em quanto que eu da punição me ria...
Não pódes calcular o que soffri!

« Tinha o corpo gentil envolto em neve
deixando adivinhar cinctura breve;
hirtos os seios prenhes de venenos,
nús os braços de Venus!
cahiam-lhe 'nas costas os cabellos
bastos e crespos, louros, longos, bellos,
arrufando-se ao fervido contacto
d'aquella seductora e nova Erato!

« 'No pescoço uma cruz de diamantes,
os pés... tinha-os descalços;
joelhou-se... as mãos ergueo-me supplicantes
volvendo aquelles olhos, tão lindos e tão falsos!

— « Luiz! não me mates, não!
perdão!... » —

— « Não sabes o que fizeste?
olha o abysmo, que me abriste,
o abysmo em que te perdeste?
O punhal, que esta alma crava,

cobre-me o rosto em rubor...
ai! peito! meu peito triste!
ah! morte! vergonha! dôr!
Soffres, temes?
choras?
tremes?
estorce-te o coração?
já não tenho mais auroras,
já não tenho mais perdão!
Tanto amor,
que te votava,
em odio se converteo,
odio terrivel, profundo,
como nunca o senti eu!
Já não me importo do mundo
nem do inferno, nem do céo!
Cahiste 'num charco immundo,
não te pódes levantar...
Não posso ter compaixão,
não sei o que é perdoar!
o punhal é a redempção,
só elle póde *lavar!...* » —

— « Bem; pois que eu vou a morrer...
ao menos a confissão! » —

— « Não! não!
cobre-te de confusão
por dizer tal impiedade!
que infame religião!
oh! que torpe sanctidade!
Resa agora a Satanaz,

que te não póde perder!
pede-lhe, pede-lhe a paz,
que não quizeste aqui ter! » —

« Ajoelhou-se e resou...
o meu punhal scintillou,
e foi-lhe ao peito beber
a seiva d'alma fallaz!...

« O sangue, a espadanar, rojou raivoso
e ao bater 'nalva roupa recuou...
e em borbotões, batendo, marulhoso
pela camisa abaixo deslisou...
Pouco depois ella cahia exangue
'num lamaçal de sangue!

« Cahira Elvira qual mimosa rosa
que das tormentas ás lufadas cae;
morrera a féra! mas... mais linda ainda
do que era em vida, sem soltar um ai!

« Fechei a porta e fugi!

....

« Eis o que sou! E eis-me aqui
sem ter amigos nem pão!
tudo o que trouxe gastei,
de todos os meis provei...
ai! pobre! foi tudo em vão!
Vi-te, amei-te,
e vês agora
como 'nesta morta aurora

póde haver algum clarão!
Quiz saciar-me 'no deleite,
suffocar esta paixão,
e arrojei-me pelas turbas...
não encontrei compaixão!...

« Homem! porque te perturbas!
animo, animo pois!
luta co'a sorte... não tardes!
se a vida fórma cobardes
tambem, tambem fórma heroes!

« Elvira já não existe;
mas vejo-lhe a sombra triste
vagar pela escuridão...
é um punhal, que me penetra
a murmurar-me — perdão! —
quem sabe se me soletra
a vingança e a maldição?

« Vê o que faz a traição!
dá morte a quem tinha vida,
rouba ao peito um coração;
torna uma virgem — perdida,
torna um cordeiro — leão!
Ai! o que faz a traição!...

VI

« Basta! hei já corrido as contas
d'este rosario de dôr!
tens as lagrimas tão promptas!
mudas tão breve de côr!
por quem choras tu assim?
por mim?
não, não chores, Leonor!
Eu bem te disia
bem
que minha alma comprehendia
o agro sabor
que o amor
tem!
Eu bem t'o dizia... bem!

—Nós somos iguaes! Proscriptos,
pervertidos e malditos
que o genio do alcouce escuta!
dous astros sem horisonte!
eu—c'um ferrete 'na fronte;
tu—prostituta!—

« Leonor!
alma alquebrada!
tu, não me desprezes... não!
não fiques envergonhada
por esta nova paixão.
Como é triste o coração!...
Tu—cahido cherubim—
tens acaso horror
de mim?! »

....
....

Ambos se amavam! Sobre os infelizes
pesava a mesma estrella tão fatal;
tinham cortado a ambos as raizes
—a deshonra, o punhal!—

CANTO VI

PAE



PAE

I

'No mundo ha tudo! Hei já visto
mãos cobardes e malvadas
semearem bofetadas
pelas faces da pobresa;
sabios, que maldizem Christo,
nobres de nobresa espuria,
'nos quaes impéra a luxuria,
'nos quaes nobresa
é baixesa.

'Nos palacios, 'nos prostibulos,
é tudo prostituição!
arde a myrra 'nos thuribulos
á deosa que elles se dão.

Insultos negros cuspidos
pelo homem—verme—a seu Deos;
loucos soltando bramidos
contra o inferno e contra os céos!

Infames deshonradores
carregados de altivez,
levando c'roas de flores,
e bajulações aos pés.

E tanta cousa que ha mais!
Eu, que sou moço, já vi
cousas tão feias e taes,
que, passando-as pela mente,
meu coração inda sente
o pavor que então senti!

Mas o que eu não posso vêr,
nem posso soffrer
jámais,
é um filho descrente,
infame,
que desrespeita seus paes!

A esses não ha quem ame,
o proprio mundo os maldiz!
ninguem os sabe querer
pois que têm almas tão vís!

Raça perversa de ingratos!
não sabeis
que aquellas mãos

rugosas, trémulas, foram
creadoras de cidadãos?
e esses direitos innatos?
e os cuidos que lhes deveis?
e a calva orlada de cans?
e os olhos de extinctos brilhos?
e que amor a teus irmãos,
que amor a tuas irmans,
que amor, que amor a seus filhos?!

Esses que assim se desdouram
por falta de tal amor,
soffrem do mundo os baldões,
têm maldições
do Senhor!

II

Vem, leitor, e caminhemos;
voemos
longe d'aqui;
vamos vêr novas desgraças,
que nem vós, nem eu previ.

Viageiro,
que ligeiro
cavalgas 'no teu cavallo,
pára um pouco 'nesse outeiro,
'na tua alma soffre o aballo.

Espia entre estes robustos
troncos musgosos das mattas...

ai! que de plainos adustos!
ai! que de terras ingratas!

que montanhas escalvadas!
que tristonha naturesa!
que leivas do sol torradas!
ai! que terra de tristesa!

Tudo cresceo entre as cannas,
o açude sahio das beiras;
o campo é feio alagado,
cannaviaes—capoeiras!

Nem se vê sombra do gado
que outr'ora tão nédio havia!
—sobrepuja ás mãos humanas
a naturesa bravia!

Ai! terra de tanta vida,
hoje tão cheia de dôr,
quem te fez entristecida,
quem te roubou tanto amor?

'No erguido tamarineiro
já não canta o sabiá,
que, á noute, um mocho agoureiro
taciturno pia lá.

Tres annos tem decorrido,
tres a terra descançado,
tres sem que seja batido
como 'noutr'ora o cercado!

Arruina-se a senzala,
o caiado amarelleja;
já se não veste de galla
tocando os sinos, a igreja!

O viajante, que passa,
fica tranzido de medo;
vê a imagem da desgraça
posta em tremendo degredo;

quando a noute se avisinha
parece-lhe um cemiterio;
e, se não sabe, adivinha
que ali ha grande mysterio...

O engenho é de fogo morto,
a roda grande apodrece;
e da casa de vivenda
ninguem á porta apparece.

Ninguem aqui tem conforto?
cada uma vida tombou?
que é isto? que cousa horrenda
por estes sitios passou?!

III

Era ao tombar do sol, 'nessa hora tão saudosa,
em que a alma chora amor 'nos braços da tristesa;
hora em que se reclina a enrubescida rosa,
e alma murmura o canto, o adeos á naturesa.

Era ao tombar dò sol. 'No céo franjas douradas
com recamos de prata azues, rubros listões;
'na terra brisas mil de aromas impregnadas,
rumor morrendo aos poucos, ultimas canções...

Crepusculos gentís de minha patria enfeite,
que, mais que vós, seduz e prende? sim, que mais?
ao vêr-vos o estrangeiro embriaga-se em deleite
assombrado do céo dos climas tropicaes!

Que naturesa augusta! Poeticos luares,
cadeias de montanhas, magico o arrebol,
campinas... tudo em flor! arvores seculares...
que naturesa augusta!
Era ao cahir do sol.

Eil-o! — Sentado, sósinho,
— olhos cravados 'no chão —
ameiga de vez em quando
a cabeça
de seu cão;
e o animal
por tal
carinho,
fita-lhe os olhos anciosos;
e quando o seu senhor cessa,
uivando
em sons lastimosos,
chama-o, e lambe-lhe a mão.

Quem é? — Tem a fronte calva
pelo rosto rugas mil;
a barba comprida e alva,
a mão trémula e senil;
os olhos fixos e baços,
os olhos... já não têm luz!
á morte dirige os passos!
não deixes cahir dos braços
a tua pezada cruz!

Já vistes acaso um dia
— das mattas virgens 'no meio —

alguma arvore gigante
que entre as outras cahir veio?
—a côma se amarellece,
as folhas cáem por terra,
e perde de instante a instante
a pouca seiva, que encerra;
a raiz, que lhe restava,
incha, definha, apodrece;
e o gigante desmochado
já nem arvore parece:—
pois como arvore cahida
            já sem vida
            e sem vigor,
assim o velho alquebrado
bebendo o calix da dôr!

Ah! bem pouco lhe faltava!
        do tumulo estava
            á beira!
que a morte já lhe sorria
velando-lhe á cabeceira!

....

Eil-o só! triste, scismando,
lembra os tempos que lá vão,
e ameiga de vez em quando
a cabeça de seu cão.

IV

—O sol já desce em busca do poente...
já me não vem queimar;
vae—rei da creação—resplandecente!
quem sabe se ámanhan teu raio ardente
me virá visitar?

Não mais te vejo os frocos de scintillas
'nas horas do arrebol...
o pranto, a dôr queimaram-me as pupillas...
não mais te vejo, oh! sol!

nem lua, nem estrellas! nem as côres
de puros céos azues!
nem florestas, nem arvores, nem flores,
nem montes, nem paues!

Cego, cego! não vejo! ai! cego, cego!
Senhor, eu quero a luz!
dai-me que eu veja; quantas vezes rego
os pés de vossa cruz?!

Chorar... e eu choro? viram-me de bruços
sem mais poder fallar...
converteram-se os prantos em soluços;
já nem posso chorar!

Vamos! antes que venha a morte amiga
quebrar-me o coração,
quero que esta consciencia inda me diga:
« Velho! resignação! » —

Rio de amargor, e callou-se,
'nas mãos a fronte pousou;
rio de novo, levantou-se,
e o seu cão lugubre uívou:
—nova estatua do tormento,
barbas esparsas ao vento—
teve-se um pouco e fallou:

—Que importa o céo, o sol, o vento, as flores?
que importa Deos?
tudo me deixa entregue ás minhas dôres,
aos males meus!

Pois bem! tambem vos deixo! amaldiçoado
sem luz, sem fé,
ficarei como o cedro alevantado
raivoso, em pé!

*

Venha a tormenta; a c'rôa de martyrios!
venha! aqui 'stou!
meu funebre caixão com quatro cirios
não se fechou!

não se fechou!... e emtanto sem conforto,
'num triste anciar,
venha o coveiro... já me sinto morto,
falta-me o ar!

Só!... 'No desterro o desterrado ao menos
entre os fusís
tem amigos, não traga estes venenos
tão crús, tão vís!

Minha filha onde está? Pobre menina,
que tanto amei
quando innocente, quando pequenina,
eu repulsei

raivoso de seu lar!... e foi sósinha
carpir, morrer!
ai! minha Leonor, ai! pobresinha
quero-te vêr!

Vem, oh! vem! mesmo assim prostituida
quero-te aqui!
de teu pai diz-te a voz arrependida:
« Eu te perdi! »

Eu te perdi! e emtanto bem podia
te redimir!

se tu podesses vêr minha agonia
havias vir!

Não!... e hei-de-me cingir d'aquelles braços
magros e nús?
braços que déram perfidos abraços
cheios de pus?!

Não! nunca! nunca!... Triste e solitario
hei-de passar,
té que um dia 'no leito mortuario
vá tropeçar!—

Quedou-se um pouco. Fallando
não sentio perto o rumor
de um cavallo gallopando
cheio de poeira e suor.

Montava-o moço garboso
de botas, chicote e esporas...
Com teu bigode formoso,
todas as moças namoras!

Idade—vinte e seis annos,
olhos castanhos e bellos;
rubra côr dos luzitanos,
louros a barba e os cabellos;

tinha 'na physionomia
signaes de inquietação;
mas toda ella resplendia
suave, terna expressão.

O velho cego assentado
chamava aquietando o cão...
o mancebo alvoroçado
saltou... foi beijar-lhe a mão.

—Quem é?—
—Sou eu!—
—Quem?—
—Seu filho.—

—Meu filho!...—
E soltou um ai!

—Meus olhos já não têm brilho!...—

—Ai! já sabia, meu pae!—

—Jesus!
um raio de luz
n'estes meus olhos lançae!
quero vêl-o um só instante,
quero vêl-o que sou pae!—

Agarrou-lhe as mãos convulso,
com desesperado amor...
batia-lhe em cada pulso
o sangue com mais fervor.

Fitou-lhe os olhos vidrados
como se o podesse
vêr,

como se ainda quizesse
feição por feição colher!

Oh! quem m'os déra pintados
por mão de artista gigante
os dous vultos estacados,
e logo, após abraçados
'no abraço mais delirante!

Por mim, não posso, nem pinto,
que nunca soube pintar,
essa effusão, que se sente
sem se poder expressar!

Quando o poeta, tremente,
um painel d'estes desdobra,
tem o éstro quasi extincto...
procura o porto... e sossobra!

Vêde um pae febricitante,
cego, a chorar terno pranto,
abraçando um filho amado
'no arroubo mais bello e sancto!

Vêde ambos assim unidos,
soluços, gemidos,
ais...
tende um quadro assim formado
e imaginae vós o mais!...
meu éstro é muito acanhado...
não! não vos posso dar mais!

V

—Vamos, meu pae; vim correndo,
cheio de amor e de afan,
para abraçal-o... mas inda
falta abraçar minha irman.

Que é isto? vejo-o tremendo...
casou-se talvez?—oh! diga!
em pequena era tão linda,
tão bôa, tão minha amiga!

Mora longe...? 'na cidade...?
vim logo ao desembarcar;
se não fosse esta anciedade
lá mesmo a iria abraçar!

Onde está?—
—Pois não sabias...—

—Que...—
—Que já não 'stá aqui?—

—Mas onde?—
—Deos! que agonias!
meu Deos! porque não morri?!

Meu filho... Leonor morreo...—

—Ai! tristes de nós, meu pae!
repousa, oh! anjo! 'no céo...
minhas lagrimas saltae!

Sim... agora comprehendo
o que diz este painel,
essas campinas queimadas,
este silencio cruel!

estas casas arruinadas,
este cahos de immensa dôr!
tudo morreo... pois que é morta
dos mattos a linda flor!

Não! oh! não!... nada conforta
este meu crú padecer!
Pae! que castigo tremendo!
Vamos nós ambos morrer!...

E eu nada sabia... nada!
vim a rir... venho chorar!

Oh! que nuvem tormentada
por aqui veio passar?!

Correi, lagrimas sinceras!
não vejaes outra manhan!
ai! morreo 'nas primaveras
minha linda e terna irman!

E eu nada sabia... nada!
porque me não escreveo?
Ha quanto tempo é finada?
diga... ha muito que morreo?—

—Ha já tres annos!—
—Tres annos...
são tres seculos de dôr...
ai! que tristes desenganos,
minha pobre Leonor!—

—Basta de prantos, meu filho,
a tua irman não morreo:
o seu futuro... eu perdi-lh'o...
não foi outro senão eu!...

Fui eu!—pae desnaturado
sem amor, sem crença e fé—
que a perdida
arrependida
lancei co'a ponta do pé!

Tua irman vive... lançada
'numa vida dissoluta...

ai! tem na fronte gravado
o nome de prostituta!!... —

—Desgraçada!
desgraçado!... —

....
....

O moço inteiro tremia...
não tinha um vinco vermelho
'na sua córada tez...
era a estatua da desgraça
dos mortos co'a a lividez!

Curvou a fronte minutos,
e sorrio-se de amargor...
os olhos 'stavam-lhe enxutos,
'no peito estava-lhe a dôr.

Oh! não ha nada que faça
mais cruel revolução
'no organismo, 'nalma, em tudo
d'aquelle que é bom irmão,
que a noticia desditosa
da deshonra e perdição!

Estava mudado!
Já não tinha a côr formosa
que tivera 'nesse dia...
um moço torna-se velho
'num momento de agonia!

—Pae! já não creio 'no mundo!
só medito uma vingança!
Quem segurou 'nos cabellos
d'aquella
bella
creança?
quem rojou
a flor singella,
sobre este paul immundo?
quem roubou
os meus anhelos,
quem me tirou
a esperança?!—

O velho estava mudo.

—Pae! o nome, o nome só
do infame que a deshonrou!...—

—O seu corpo é cinza, é pó!..
filho! o Senhor nos vingou!—

VI

Recolheram-se os dous. Por longos dias
ficavam sempre sós
curtindo o travo amargo de agonias
com lagrimas 'na voz.

Era um soffrer contínuo, enorme, grande...
pobre Commendador!
E tu, moço, o teu genio não se expande...
pobre, triste Doctor!

O velho caducava... o filho o ouvia
com turbida attenção;
e a cada voz paterna elle sentia
punhaes 'no coração.

—Ai! filho, filho! vem comigo, chora!
fugio-me agora o idolatrado afan...
o sol d'esta alma já morreo... não brilha...
não tenho filha... tu não tens irman!

Ah! deshonrou-me as minhas barbas brancas!
olha que arrancas este coração!
filha, tu sabes que eu te amava tanto!...
que eras meu sancto, divinal condão!...

Vês? olha a ingrata o lodaçal que trilha!
ai! minha filha! onde te vaes lançar?
volta: em meus braços acharás abrigo...
sou teu amigo... não me vês chorar?

Tambem tu choras?! Quando tudo é morto
não traz conforto o prantear... sorri!
limpa essas bagas, que se escoam quentes...
preces ferventes vou resar por ti!

Vae! desgraçada! despedaça a vida!
mulher perdida, para o inferno vae!
Que luz de esp'rança 'nos teus olhos brilha?
não tenho filha! já não sou teu pae!...—

....

Que vida triste! Os dous por longos dias
ficavam sempre sós,
e iam curtindo o travo de agonias
com lagrimas 'na voz!

CANTO VII

PETROPOLIS



PETROPOLIS

I

O céo recama-se
de nuvens róridas
formando, flóridas,
grato arrebol;
ergue-se esplendido
das plagas cérulas
bebendo as perolas
da flor—o sol.

As trevas funebres
recuam pávidas!
as luzes ávidas
rasgam-lhe o véo;
lá fogem rapidas

as côres lívidas,
e as outras vívidas
surgem 'no céo.

Gorgeiam passaros
'no bosque umbrifero,
ar odorifero
derrama a flor;
a brisa em osculos
vae douda e humida
pendel-a túmida
dar-lhe vigor.

O rio sofrego
roja-se lépido,
corre além trépido
sem murmurar;
d'azas precipites
suspensa, extatica,
a ave selvatica
paira 'no ar!

A onça—erguendo-se
da cova frígida—
sae; a mão rígida
vem sacudir;
pula—relampago—
'no sollo tórrido,
e sólta um hórrido
lêdo rugir.

A terra inunda-se

da luz ascetica;
—painel d'esthetica
de ouro e d'anil!—
'Nesta hora sente-se
que em cada musculo
deixa o crepusculo
calor subtil!

E o home' em extasis,
vate, romantico,
rompe 'num cantico
mandado aos céos;
e o infante em jubilos
co'o peito flaccido,
insonte e placido
murmura: Deos!

II

Petropolis é a filha da Allemanha
nascida aqui nos climas tropicaes;
princesa vaporosa, que se banha
das agoas transparentes 'nos christaes,
flor, que nasceo 'num cimo de montanha,
beijada por zephiros festivaes.

Camponesa de faces rosi-melias,
d'olhos azuès, e de gentís maneiras;
correndo entre boninas e bromélias,
sentada á grata sombra das mangueiras,
c'roada d'açucenas e camelias,
ouvindo o chocalhar das cachoeiras.

Berço de flores onde o viajante,
cançado do ruido das cidades,
vae haurir um perfume embriagante,
lenitivar saudades!

Linda, que fazes tu que te reclinas
de enorme cordilheira á extremidade?
aspiras os perfumes das boninas?
contemplas do Senhor a immensidade?
quem veio, dize, em horas vespertinas
dar-te seiva e calor, gentil cidade?

Tudo em ti é formoso! a naturesa
derramou graças mil 'na tua fronte!
como é formosa a tua camponesa
trazendo agoa da fonte!

Os teus costumes são da quadra homerica
feiticeira gentil!
Tu és a flor da America,
a rosa do Brasil!

Virgem morta 'nas selvas por encanto,
resuscitada por altivo mago,
tu és a nota de um sublime canto,
tu és—quem sabe?—a renascer Carthago!

Feliz de quem nasceo
'no teu
regaço!
feliz de quem morreu
dando-te o abraço!

Petropolis é linda!
Mas agora
—se o leitor por acaso foi ao Rio—
perguntarei:
—Petropolis não viste?
ao pessimo calor não preferiste
aquelle bello frio?

Quem 'steve lá, e não na vio, é o mesmo
que vir de Roma sem ter visto o Papa;
que andar a êsmo
de hora em hora
'numa cidade guapa,
sem vêr-lhe os edificios principaes!
o que isto fez é descuidado... é mais!

'Numa das ruas principaes levanta-se
um pouco recuado
um rico palacete, que é guardado
por dous leões de marmore finissimo
de Carrára;
cada um d'elles pousado
'nos pilares enormes do portão,
com gesto irado
a fauce tremendissima
escancára.

A vista encanta-se
'na suavissima
contemplação
de flores variegadas,
de estatuas fabuladas

postas em mil posturas;
o olfacto se embriaga
'nas magicas doçuras
dos perfumes, que ali
destilla tanta flor;
o ouvido — ao amenissimo
trinado do cantor
nascido 'na floresta,
a alma em prazer alaga;
e o ente une-se á festa
ledo, fóra de si,
co'a alma cheia de amor!

Ah! tudo é bello aqui!
repuchos, tanques, flores,
busios, canteiros,
conchas,
perfumes inebriantes,
cyprestes, morangueiros,
murmurios seductores,
zephiros inconstantes!

Tudo revela gosto!
Labyrinthos, estradas,
umas quebradas,
tronchas,
outras em linha recta;
caminhos de pé posto,
muros de pitangueiras...
ahi
qualquer poeta
commetteria asneiras!...

Quem aqui morará?
por certo algum ricaço;
um ricaço... que um pobre
d'isto nunca terá.
Nunca! porque a pobresa
tem a vida 'no braço
que o trabalhar é seu;
nunca! porque a riquesa
quando lhe atira o cobre
diz:
—Toma! isto é teu!
isto, que faz escravos,
isto, que é sem segundo;
isto, que fórma bravos,
isto, que é rei do mundo!—

....
....

Vamos, leitor, curiosos
vêr o que vae lá por dentro?
'stamos ambos anciosos...
queres entrar? tambem entro.



XXI

O salão é de rei! Para um dos lados
um piano de cauda surge altivo,
mil sons n'elle dormitam requebrados,
que o humano peito sóem tornar captivo.

Ouvi-o! como é terno! como falla!
ouvi... que voz divina!
essa harmonia os seios d'alma cala!
quem toca?—uma menina!

Tem doze annos... que ditosa idade!
—um medio entre mulher e entre creança!—
assusta-se ao chegar a puberbade...
feliz! inda tem sonhos de esperança!

É 'nessa idade em que se alteia
o seio
e o coração palpita
em doce enleio;
quando o peito gentil rapido anceia,
quando o amor aninhado mal dormita;
quando á vista de um moço a moça córa,
e os labios quentes um suspiro agita!

Feliz idade
da puberdade!
risonha aurora
quem te roubou de mim?
d'arvor' da vida
minha — tão querida —
as flores uma a uma já cahiram,
os arroubos e os extasis fugiram!...
Vida! porque me foges tu assim?!

É morenita. Viste as morenitas
do meu bello Brasil?
ai! Jesus! que olhos têm! são tão bonitas!
que feiticeiras! que sorrir gentil!

Uma outra é sua irman de quinze annos
alva e loura — de um louro que alma encanta;
murmura uma canção dos Puritanos...
um anjo 'nella canta.

....

Folgae creanças! é por vós, formosas,
que Deos fez rosas de suave odor!

em quanto é tempo—folgações, cantares...
fugi azares, desviae a dôr!

Fugi azares! Innocentes, puras,
quantas loucuras não tereis de vêr!
por serdes ricas e por serdes bellas
heis-de soffrel-as, de chorar, gemer!

O mundo é cheio de fataes delirios...
quantos martyrios não padecem reis?!
A infamia, o vicio ha-de levar-vos dôres
entre os fulgores d'esses ouropeís.

Feliz é o homem—deshonrado embora,
que soffre e chora sem ter luz, nem fé!
esse 'no mundo ainda encontra abrigo,
sempre um amigo, que um cuidar lhe dê.

Mas a donzella, que cahio na lama,
pobre... por cama tendo o frio chão...
apenas acha ao seu soffrer profundo
risos do mundo e o mais cruel baldão!

Nem sempre a brisa 'nos jardins cicía,
nem sempre o dia nos conduz o sol;
nem sempre a vida de ventura é cheia,
nem sempre a areia 'nos amostra a frol!

Folgae, creanças, que é por vós, formosas,
que existem rosas de suave odôr!
em quanto é tempo—folgações, cantares...
fugi azares! desviae a dôr!

Duas pessoas sentadas
em cadeiras estofadas
'stavam perto da janella;
cada figura mais bella...

Um moço presumpçoso—ar de peralta—
com um velho casquilho
joga o xadrez;
dirieis o primeiro do outro filho
mas não no era: de ambos a voz alta
retumba como se fallassem dez!
Ambos são *nobres*... um é Deputado,
o outro é Senador... poem cuidado
sómente em mão e pés;
que é 'nesses membros extremos
do corpo de algum taful,
que nós—villões—conhecemos
a nobresa e o sangue azul.

Estão ambos calçados,
enluvados,
resguardados
pelo quente albornoz;
ai! têm frio os coitados!
se o frio 'nesta terra é tão feroz!

Jogam xadrez. O pobre Senador
tem a calva coberta de suor,
antes a cabelleira;
vae a perder—que leva horrivel *chec*,
coça o nariz, uma pitada cheira...
está perdido! Mas... entra um moleque.

O negro pagem, que entrou
fez ao fidalgo um signal;
e elle lhe retrucou:

—Ah! pois então já chegou?
diz'-lhe que espere; eu já vou.
Agora, tenha paciencia,
perdoe-me Vossa Excellencia,
não ha mais jogo!—
—E que tal!
quem a partida ganhou?!—

—Não sei!—
E se retirou.

Só, como rei 'no salão,
a juba altiva o leão
domesticado irriçou;
fita as vistas libertinas
'nas duas irmans meninas
e diz comsigo: não vou!
E ficou.

....

Fugi, donzellas! Innocentes, puras,
mil desventuras não queiraes soffrer!
fugi das garras do leão das salas,
que as vossas gallas vae talvez perder!

IV

Vem comigo tu agora
vêr uma scena cruel;
vem comigo da desgraça
contemplar a negra taça
beber um pouco de fel!

Vem vêr um'alma, que chora
para abrandar um rochedo!
vem vêr uma infeliz pobre
que toda treme de medo
aos pés de um Creso que é nobre!

Vem tu sentir-lhe o suspiro,
que lhe sae do coração;

vou abrir-lhe a alma singella...
ai! que tão negra procella!
ai! que tão funda paixão!

Vê: como treme do tiro
a rola ao triste estampido,
assim treme linda moça,
que a bocca por vezes roça
pelos pés de um pervertido!

Animo! vê que te espero!
vamos! entremos agora!
vem vêr a dôr da coitada!
vem vêr a alma, que descóra!
vem vêr a flor machucada!

Vem comigo, que eu não quero
beber só tormento assim!
que ha tantas dôres 'no mundo,
que ha tanto abysmo profundo
que me infundem medo a mim!

Ai! como está descórada!
magra a mão de neve pura
deixa vêr ossos e nervos!
ai! pobre! da desventura
tens 'nalma muitos acervos!

Ergue a fronte angustiada!
affasta da face branca
do teu cabello os anneis!

dos olhos o pranto estanca
fecha esses golphãos crueis!

Vamos! um riso... mentido!
uma palavra amorosa
ao teu velho e fido amante!
retoma as côres de rosa,
torna-te agora Bacchante!

Deixa o seio comprimido
alteiar-se e ferver de amor!
abraça-o extremosa! Escuta,
sorri, beija-o, prostituta,
que elle é rico e... Senador!

Paga sem vêr o que paga!
compra amor a peso de ouro!...
queres dinheiro? pois ama-o,
co'os beiços ávidos chama-o
que possuirás um thesouro!

O pranto o rosto lhe alaga!
ai! triste! tu que me escutas,
que a dôr tão perdida tem,
não sabes que em prostitutas
os prantos não dizem bem?!

V

Ninguem mais a reconhece!
    já não parece
        Leonor!
Não! inda um vislumbre resta:
    a nobre e lisa testa,
    o olhar encantador.

É ella mesma, a seductora joven
a mulher-anjo, que cahio 'no pó...
já 'nessa fronte as seducções não chovem,
não traja gallas... vem de lucto e só.

    Ao vêl-a o velho turbou-se,
    a longa testa franzio;

emmudeceo e encostou-se
'num dos lustrosos humbraes;
ella, triste, levantou-se,
não lhe fallou, nem sorrio...
adivinham-se-lhe os ais,
que estão prestes a sahir.

O Senador com riso amarellado
lhe disse:
—A final vieste!
depois do que me fizeste
como te atreveste
a vir?
Ah! já estás arrependida?
'stás magra, feia e mudada!
levava-te aquella vida
talvez á morte!... Coitada!
Sim! tudo o que fiz por ti,
está bem recompensado!
ainda vieste aqui,
inda por ti sou amado!
Estou contente, Leonor,
folga, brinca, exulta, ri,
torna-me outra vez feliz,
enche-me a vida de amor!
O que precisas?—
—Senhor...
—Luiz...—

—Louca! porque é que inda o chamas?
não sabes do libertino?!
pois está preso... coitado!...

ha-de ter bello destino...
talvez que seja enforcado!

—Elle?!—
—Então? um assassino...—

—Matou... já sabia d'isto,
mas... foi trahido tambem!
Eu... esta mulher que vem
com prantos 'no coração,
pede-vos por Jesus Christo
que lhe alcanceis o perdão!—

—Vieste a isso? que ouvi!
a isso vieste aqui?!
Mulher! ou estás doente,
ou me julgas tão demente
abrazado em tuas chammas,
que vá commetter loucuras!
eu quero e compro venturas,
mas... não me pisa ninguem!
troco um bem por outro bem,
punhal por cada punhal!
aquelle que tu não amas
não póde dar-te um rival!
Vamos... que é isto? de joelhos...
olhos chorosos... vermelhos...
eu sou pedra sepulcral!
pódes chorar, creatura!
a lagem da sepultura
nem sequer se abalará!...
Levanta-te pois! sou pedra

onde uma raiz não medra
e uma flor não brotará!
Prantos!... não creio 'nos prantos!
podem ser tantos e tantos
que desmaies de chorar!
chora! transforma-te em Nilo!
a mulher é crocodilo...
quem na póde acreditar?!
Súpplicas?! e eu te supplíco!
sou Senador, nobre, rico
tornado baixo e villão...
pobre mendigo de amores,
que aos teus olhos seductores
pedio venturas... em vão!
Vens pedir-me o teu amante
como eu mesmo 'neste instante
te pedia o coração!
Hora maldita em que o fado
negro e triste nos junctou;
em que este campo crestado
renasceo e reflorou!...
Do lado opposto, 'na frente
duas meninas estão;
minha esposa está doente,
não póde vir ao salão...
quem sabe se moribunda?
e, olha, por todas, mulher
o rosto não se me innunda
de prantos... nem um sequer!
Vê como sou desgraçado
que a tanto extremo cheguei!
oh! maldito seja o fado,

e a hora em que te encontrei!
vê como sou desgraçado
que aos pés de Deos
me ajoelhei...
não pude chorar os meus...
e por ti... por ti chorei!...
Hora maldita em que o fado
negro e triste nos junctou!
em que um astro malfadado
'no meu céo negro brilhou!
Pódes mudar tua cama!
quando 'nas ruas passares,
não hei-de atirar-te lama,
nem lançar-te os meus olhares!

....

....

VI

—Senhor! por piedade! eu se me curvo
é porque desvieis o ardente raio,
que sobre aquella fronte irá cahir!
Meu Deos! o vosso céo nem sempre é turvo!
Senhor! por piedade! ide! salvai-o!
que elle possa fugir!

Eu por mim ficarei... Ai! malfadada!
que sina foi a minha, Virgem Sancta,
de degrao em degrao a tropeçar!
um dia amada,
um dia espesinhada
borboleta 'na luz, que o olhar encanta,
as azas fui queimar!...

Senhor! tudo podeis! Se foi culpado
perdão merece o pobre arrependido,
e vós perdoal-o-eis!
se visseis como está tão demudado!
O vosso coração empedernido
se havia enternecer... Eu quero a morte!
Oh! Senhor! vós podeis
conseguir minorar-lhe alguma pena,
fazer com que eu o veja inda uma vez!
depois de vêl-o dormirei
serena,
e irei
de Deos aos pés!

Oh! por piedade!...—
—Mulheres,
como sabeis supplicar,
e o coração do homem forte
'nas garras amalgamar!
Não!... não te dou o que queres!—

Disse, e sahio magestoso.

Leonor levantou-se então...
volvendo os olhos em roda
percorreo a sala toda...
que olhar de louca! ancioso
lhe batia o coração.

—Pedra... elle o disse... elle é pedra
onde uma raiz não medra
e uma flor não brotará...

abre-me os braços, oh! morte,
que esta dôr me acabará!
para mim, desventurada,
tudo 'na vida fugio!...—

Hirta, bella, descórada,
sorrio....
correo á porta apressada;
partio....

....
....

Vae! tumba de vinte annos!
vae! martyr do coração!
viste o fundo aos desenganos....
tens bem perto a redempção!

CANTO VIII

REDEMPÇÃO



REDEMPÇÃO

I

Deos é grande! é quem redime
o que na terra soffreo;
quem pune severo o crime
fechando as portas do céo!
o que faz a humanidade,
é procurar a verdade
com suas imperfeições;
arder em chammas activas,
correr 'nas locomotivas,
formar horriveis canhões!

Deos é quem pune a cobiça
cega, que pisa sem vêr;
Deos é quem faz a justiça

como deve e póde ser!
aqui—é aplanar caminhos,
desviar duros espinhos
de que este mundo se encheo;
e de um polo a outro polo
ter crenças, e dar consolo
para conseguir o céo!

Debalde se furam montes,
e a terra se vae trilhar;
debalde se arrojam fontes,
debalde se vence o ar!
debalde a chymica esplende,
e o telegrapho se entende
'noutros climas 'noutros céos!
homem! a ti proprio furtas!
és um condor d'azas curtas...
só Deos é grande, só Deos!

Se tu descrês é mentira!
sabes... tua alma t'o diz...
o que é feito de Palmyra,
de Babylonia feliz?
abre a tua consciencia;
vem, dize se Providencia
é uma palavra van...
indaga... pergunta a êsmo...
saberás acaso mesmo
se terás vida ámanhan?

Eu não creio 'nos descrentes
em cegueira tão fatal!

se acaso não são dementes
têm alma... irracional!
Pregões de falsas doctrinas,
vossa estatua é de ruinas,
vosso pedestal é vão!
cantae as nenias mentidas!
vangloriae-vos, suicidas!
que importa a Religião?

Como verme que se nutre
'na podridão... assim é
o homem co'o bico de abutre
a despedaçar a fé.
Deos vos perdoe, infelizes!
Deos vos arranque as raizes,
do vicio e da corrupção!
só Deos é justo e perdoa,
só Deos é quem galardôa,
só elle dá—redempção.

II

São passados tres mezes de amarguras,
tres seculos de dôr;
trocaram-se por choros as venturas
para a pobre Leonor.

A casa d'ella é pobre e retirada;
móra em terceiro andar...
o tecto é telha van; toda enfrestada,
o frio, a chuva, o sol vão 'nella entrar.

Quatro cadeiras, uma cama pobre,
uma pequena mesa,
um candieiro de cobre...
oh! meus Deos! que pobresa!

'Na parede um retabulo dourado
tendo a Virgem Maria,
ao pé de um de Jesus crucificado
'na hora da agonia.

Frascos... remedios... Tudo aqui derrama
o soffrimento, a dôr!
vamos... quem é que está 'naquella cama?
ai! vêde! é Leonor!

Dorme...
....
Anjo louro, que lhe viste as dôres,
espalha flores... dá-lhe amor, encantos!
ella passou a noute angustiada,
—face regada de sentidos prantos.

Protege a pobre, que viveo bastarda!
Anjo da guarda—fica-lhe velando!
não abandones Marion Delorme
em quanto dorme e vae talvez findando!

Talvez... quem sabe?!...
Que sonhar ancioso
tumultuoso como os céos irados!
como está pallida!—os cabellos soltos
cáem revoltos 'nos lençóes lavados.

Que dedos magros! ai! que mãos aquellas!
eram tão bellas!... são tão feias hoje!...
a voz suave são gemidos roucos...
a vida aos poucos dos pulmões lhe foge!

Já não scintillam as pupíllas pretas...
ai! que violetas 'nos seus olhos lindos!...
Leonor! ah! volve-os supplicantes, lentos,
que os teus tormentos inda não 'stão findos!

Que suor frio que teu corpo innunda!
que dôr profunda que o teu ser padece!
Leonor! dos labios tão febrís, gretados,
desprende brados... murmureja a prece!

Eia, Ashawero! vês a estrada? avança!
eia, creança! corre, corre asinha!
um vulto negro não te diz:—espero—?!
eia, Ashawero! caminhar... caminha!

Dorme...
Ai! a pobre, que viveo bastarda
Anjo da guarda, fica em pé, velando!
não abandones Marion Delorme
em quanto dorme e vae talvez findando!

III

Era uma hora. Leonor
sahindo da lethargía,
abre os olhos e desperta;
ouve 'na escada um rumor,
vê depois a porta aberta,
e entrar a velha Maria,
que de enfermeira servia.

—E... então?—

—Quando eu cheguei, já sahia
da—Casa da correcção—;
tinha esta carta 'na mão,
pedio-me que lh'a entregasse.—

—Dá-m'a depressa!—
Tomou-a,
unio-a á bocca, beijou-a,
de prantos banhada a face;
abrio-a e leo:
« Leonor,
parece-me estar chegado
ao meu momento final!
sinto o ruido da lousa
cahindo em mim sepulcral!
a morte já descortino
sorrindo-me prasenteira...
já vejo o voltar do sino,
os fémures e a caveira!
Em mim sinto alguma cousa
que me diz que hei-de morrer...
morrer talvez infamado...
sem talvez te poder
vêr!...
Que momento angustiado!
que duro soffrer
creança!
Ai! tudo está acabado!...
nem um sorriso de amor!
nem um raio de esperança!

«E inda sou moço! ai! tão cedo
perder a vida... é de mais!
meus amigos, meus irmãos,
pae, mãe porque me deixaes?
vinde vêr o meu degredo,
vinde sentir minha dôr;

dae-me vós todos as mãos!
choremos! chora, Leonor!

« Oh! Deos é justo! eu devera
suster
o peso da cruz,
conter
'no peito a cratera,
padecer
como Jesus!
mas... fui cobarde! não pude
sentir um travor tão agre!
homem... não tive virtude!
não bebi fel... nem vinagre!
Deos está enfurecido...
não fará mais um milagre!

« Oh! eu 'stou arrependido
d'esse meu crime fatal!
por mim proprio fui ferido,
por mim proprio fui trahido,
e em mim cravei o punhal!

« Vou ámanhan ao supplicio...
rez—que vae ao sacrificio
sem duvida morrerei...
ai! é o castigo do vicio,
é a punição! bem o sei!

....

« Filha! o meu céo é nevoento!
vou—sem luz 'no firmamento—

caminho do julgamento
curtindo acerba vergonha!
Vamos! animo, juizes!
cortae-me estas vís raizes!
inda ha poucos infelizes
em Fernando de Noronha!...

« Ámanhan saberás tudo
que tambem te hei-de escrever;
mas... se eu me conservar mudo
ai! sabe que vou morrer!

....

« Adeos! a esp'rança que minha alma affaga
agora a esmaga desastrosa dôr!
fico sem ti, minha visão querida...
ai! minha vida, que é do meu amor?!

« Tudo é silencio... tudo agora extincto!
bem te presinto, punição cruel!
ai! tem piedade! minha dôr acalma!
bebeo minha alma tanta dôr e fel!...

« Tambem tu soffres! tambem tu padeces!
eu sei que preces vaes resar por mim!
ai! resa, resa... tua voz é d'ave,
pura, suave... quel-a Deos assim!

« Adeos... adeos, meu amor puro e sancto!
recebe o pranto d'estes olhos meus!
guarda-o, Leonor, ai! guarda-o bem comtigo
chora comigo este saudoso adeos!

« O pranto é o orvalho, que deslisa e róla
pela corólla de gentil cecem...
—poema triste, que amortalha amores,
e luto, e dôres, desesp'ranças tem!

« Ai! Leonor! chora teu pranto
chora comigo infeliz!
já não posso soffrer tanto!
resa a Deos por mim!
« Luiz. »

....

Houve uma pausa após esta leitura,
houve uma hora de sentidos prantos...
meu Deos! porque dás tu á creatura
martyrios tantos!

Chora mulher! torna-te um rio, chora!
talvez em breve uma ditosa aurora
te venha visitar!
'n aza do somno o collo teu descança...
Moça! já não tens mais uma esperança
formosa a radiar?

Espera e crê! 'No mar tempestuoso,
onde o escarcéo referve mais raivoso,
está a salvação.
Espera e crê: 'na tua fronte bella
inda póde mui bem pousar-se a estrella
da tua redempção!

Deos póde tudo... o seu poder implora!
movem-no os prantos... chora, moça, chora,
que elle se ha-de abrandar!
Vamos! animo, fé, luz, esperança!
'na aza do somno o collo teu descança;
resa... e vae repousar.

....
....

E ella resou tão baixinho
que ninguem poude escutar...
era um perfume da terra,
que fôra aos céos remontar!

O seu olhar depois erra
como procurando alguem...
e o somno devagarinho
tomar-lhe os sentidos vem...

Dorme...
Ai! vem Anjo, Anjo seu da guarda!
ella é bastarda... fica-lhe velando!
não abandones Marion Delorme
em quanto dorme e vae talvez findando!...

IV

Era de tarde. Leonor dormia
um somno afadigado...
sente que a mão lhe apertam... assustada
abre os olhos... Luiz encontra ao lado.

Que olhar! era uma louca! receiada,
fugio com ar medonho...
julgava a triste que isso, que ali via,
não passava de um sonho!

Luiz sentou-se e poz o cotovelo
'na sua cabeceira.
Mas... inda havia alguem ali, 'na salla:
—um esqueleto vivo 'na cadeira!—

Tem fogo 'nos olhos cavados e fundos;
tem gelo
'na falla,
tem cheiros de campa...
o rosto cortado de vincos profundos...
'no aberto da fronte o talento se estampa!

Tão pallido e moço! tão moço e tão velho!
trinta annos... parece ter feito cincoenta!...
o branco dos olhos manchado e vermelho;
cabello grisalho que aos montes se argenta!

—Não me conheces, Leonor?
regosija-te! és feliz!
tens aqui o teu Luiz
tens aqui seu salvador!
eil-o ali! Venha Doctor,
veja-a! ha-de ser minha esposa;
é o que sabe, porém sancta!
olhe: não é tão formosa?
tem um sorriso que encanta!
O Doctor é meu padrinho:
'no dia de meu noivado
ha-de beber muito vinho,
e ficar... meio toldado!
Leonor! por mais que procure
não encontro um home' igual!
se o visses fallar 'no jury!...
oh! Doctor! não tem rival!
Com que pincel vigoroso
meu quadro negro traçou!
com que estylo primoroso

contra o adultero, raivoso
lingua terrivel vibrou!
Sobre tudo, Leonor,
o Doctor torna-se grande,
o seu genio mais se expande,
mais penetrante se exprime,
quando patentêa o crime
da mulher, que se perdeo,
que os lares
abandonou,
e aos lupanares
correo!
feliz de mim que fui réo!
feliz o que me salvou!
todo o auditorio chorou
tudo alli se commoveo!
Doctor, presto-lhe meu preito;
sejamos ambos irmãos!
Leonor! ergue-te do leito!
sim... vamos beijar-lhe as mãos!—

—Perdoe-me porém, Doctor,
acho acertado e melhor
que tracte d'esta doente...
Não conhece estes signaes?...—

—Sim... não falla... este torpor...
phtisica! ai! pobre Leonor!...
não me póde escutar mais
nem comprehender minha dôr!
E eu 'stava cego!... não via!...
ai! o que faz a alegria!...—

Reinou silencio um instante;
Leonor cahida,
dormente,
fita a vista amortecida
'nos olhos de seu amante,
mas... sem o reconhecer!
depois, afflicta, anciada,
tendo recobrado a vida,
pôde fallar e dizer:

—Sim... és tu... Deos! obrigada!
minha prece foi ouvida...
tanto te queria vêr!...
a morte... não 'stá distante...
agora... posso morrer!...
Luiz... um padre...—
—Leonor!
tu queres enlouquecer?
viverás por nosso amor...
tu inda pódes viver!—

—É tarde!... a voz do Senhor...
tu não vês... que eu vou morrer?!...—

....

Partio Luiz febril, turvo, sem falla!
Leonor pende a cabeça á travesseira...
Maria fôra... alguem fica 'na salla:
—o esqueleto vivo 'na cadeira!—

V

O Doctor se levantou.

—Mulher, quando o teu amante
me chamou juncto de ti,
uma cruz de ouro brilhante
'na tua camisa vi...
mais de perto quero vêl-a;
parece-me conhecel-a!
Dá-m'a!—
                    Leonor assustada
tirou-a do pescoço e lh'a entregou.

—É esta a cruz... era a *d'ella*...
como veio ter aqui?—

—*Ella?*... quem?... vê-me anciada?
tenha pena d'este affan!...—

—Sim... tem o mesmo defeito...
é a cruz de minha irman!
trasia-a sempre 'no peito;
quantas vezes a beijava!
era a unica lembrança
que de nossa mãe restava!
'nesse tempo era creança,
como creança folgava!
hoje... vive como escrava,
ou morta em cruel degredo!...
Mulher! quem tinha esta cruz?
dize: pago-te o segredo!—

—Oh! senhor...
não conheci...—

—Como veio ter aqui?
ah!... já sei... talvez... Leonor...
não te chamas Leonor?!
falla! tira-me esta dôr!..
callas-te... choras... Jesus!
serás tu *ella?*!...—
—Sou eu!...—

—Ai! como venho encontral-a!...
Deos! eu preciso salval-a...
mandai-me a vida do céo!...—
....
....

A moça respira adur
e prantos ardentes chora:

—Sim és tu... é elle!... Arthur,
não me repelles de ti?
encontrei a minha aurora!
Deos! posso morrer! vivi!...

....

Arthur... meu pobre pae?—
—Morreo.—
—Ai! malfadada!
meu pae é morto já!
'nesta hora de morrer vou amaldiçoada...
de mim o que será?—

—Acalma-te, oh! irman! morreo-me aqui 'nos braços
tirou-te a maldição...
deo-me um beijo p'ra ti, o adeos e dous abraços
pedindo-te perdão.

Pedio o teu perdão porque elle foi culpado
tambem por te perder...
Leonor! eu sou feliz!... vivia angustiado...
emfim... pude-te vêr!

Julguei-te morta, irman... Oh! Deos! venho encontral-a
da morte no 'stertor!!...—

Tudo se suspendeo! resplandecia a sala...
entrava o confessor...

VI

Duas horas depois 'naquella casa
um cadaver jazia...
debaixo de um roupão de fina gaza
um coração de moça não batia!

A alma de um anjo ergueo-se 'nas alturas!
foi, radiante, batendo as azas puras
á celeste mansão...
Leonor! descança! á terra o que é da terra!
é o céo, mulher, o céo é só que encerra
a tua redempção!

Fim.

AO PUBLICO

AO PUBLICO

Eis o meu *poema*, eis a minha estreia.

Appareço despretencioso, tímido, sem apresentação.

Julguem-me os que sabem e podem julgar.

Se fallarem a respeito do meu livro, dar-me-hei por muito feliz, pois que ser-me-hão vida — as palavras —, e morte — o silencio!

Dirijo-me aos criticos; aos invejosos... nem me lembrarei d'elles, se eu por acaso os tiver. O critico, isto é, o — observador —, quero-o, ambiciono-o!

Aos invejosos, aos inimigos, aos decepadores de cabeças, quando uma cabeça tenta erguer-se... não acho verbo que lhes dê.

Se soubesse que este poema nada valia, não o publicava.

Cegar-me-ha talvez, cega-me por certo o amor de Pae, mas nem por isso alardeio perfeições. Considero que não ha livro algum que não tenha o seu *quid* e não irei de certo collocar-me voluntariamente nas excepções.

Os dous primeiros cantos d'este livro, que hoje vão com pequenas alterações, foram escriptos no Rio de Janeiro pelos fins de 1862, quando eu começava os meus estudos preparatorios; os seis ultimos 'nesta provincia; a conclusão de tudo no Rio Formoso em fevereiro do corrente anno.

No dia 25 de março li, perante algumas pessoas gradas e amigas, este livro.

O serão foi dado em casa do snr. dr. José Soares de Azevedo, que me fez este obsequio.

Cumpre-me aqui agradecer-lhe a attenção, a benevolencia, e as palavras animadoras que me dirigia quer 'no correr da leitura, quer depois da sua conclusão.

Aproveito tambem este ensejo para agradecer a todos os illustres mancebos que me honraram com suas attenções e presenças.

Magnifico e esplendido foi o serão; sel-o-ia ainda mais se eu o não mareasse com a leitura de um livro que muitos creriam melhor do que elle realmente é.

Á Sociedade Brazileira—ENSAIOS LITTERARIOS—do Rio de Janeiro, é dedicado este livro.

Realiso assim uma promessa.

Sou brazileiro e quiz sel-o 'no meu *poema*.

Censurar-me-hão por isso? Deixemo-nos de divagar por fóra... Se temos tão boas, tão limpidas e tão formosas fontes, por que iremos haurir nas extranhas?

Cantemos o que é nosso de preferencia ao que é dos outros.

'Neste genero de poesias a côr local é tudo.

Eu penso assim.

Se érro, depois de convencido, convirei de meus erros francamente.

Pretendia annotar este livro; alguma cousa não será bem comprehendida, talvez: falta-me porém o tempo para isso; espero portanto merecer indulgencia.

Desculpem-me aquelles que julgarem que eu fallei arrojada e talvez audaciosamente; não foi essa a minha intenção.

Recife, abril de 1866.

J. A. de Almeida Cunha.



Form 9584